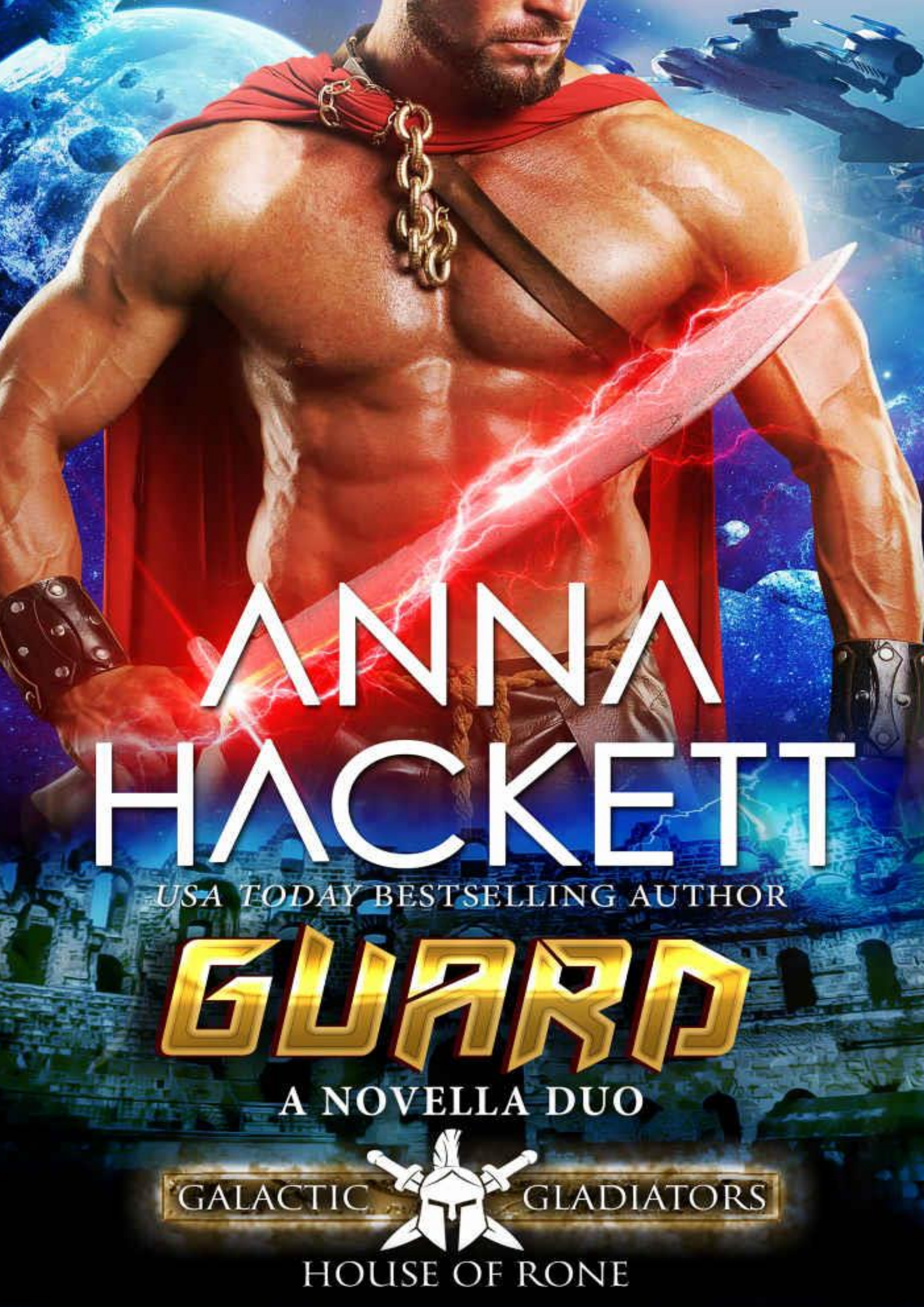
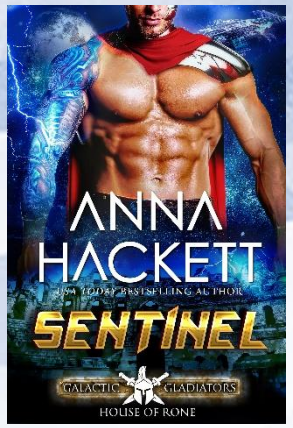

ANNA
HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
GUARD
A NOVELLA DUO
GALACTIC GLADIATORS
HOUSE OF RONE

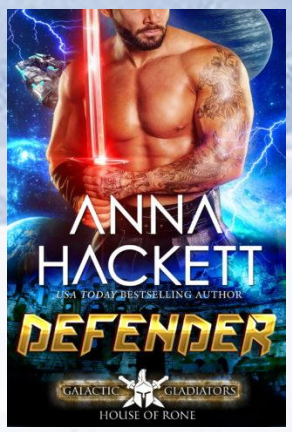


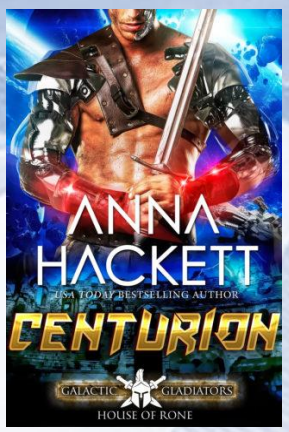
EXCLUSIVE STARS BOOKS

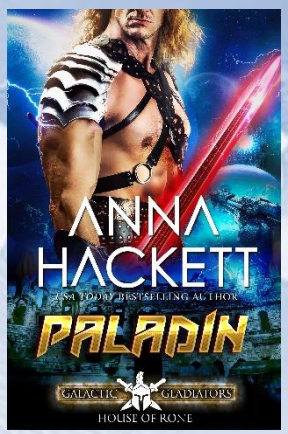
GALATIC GLADIADORS

HOUSE OF RONE

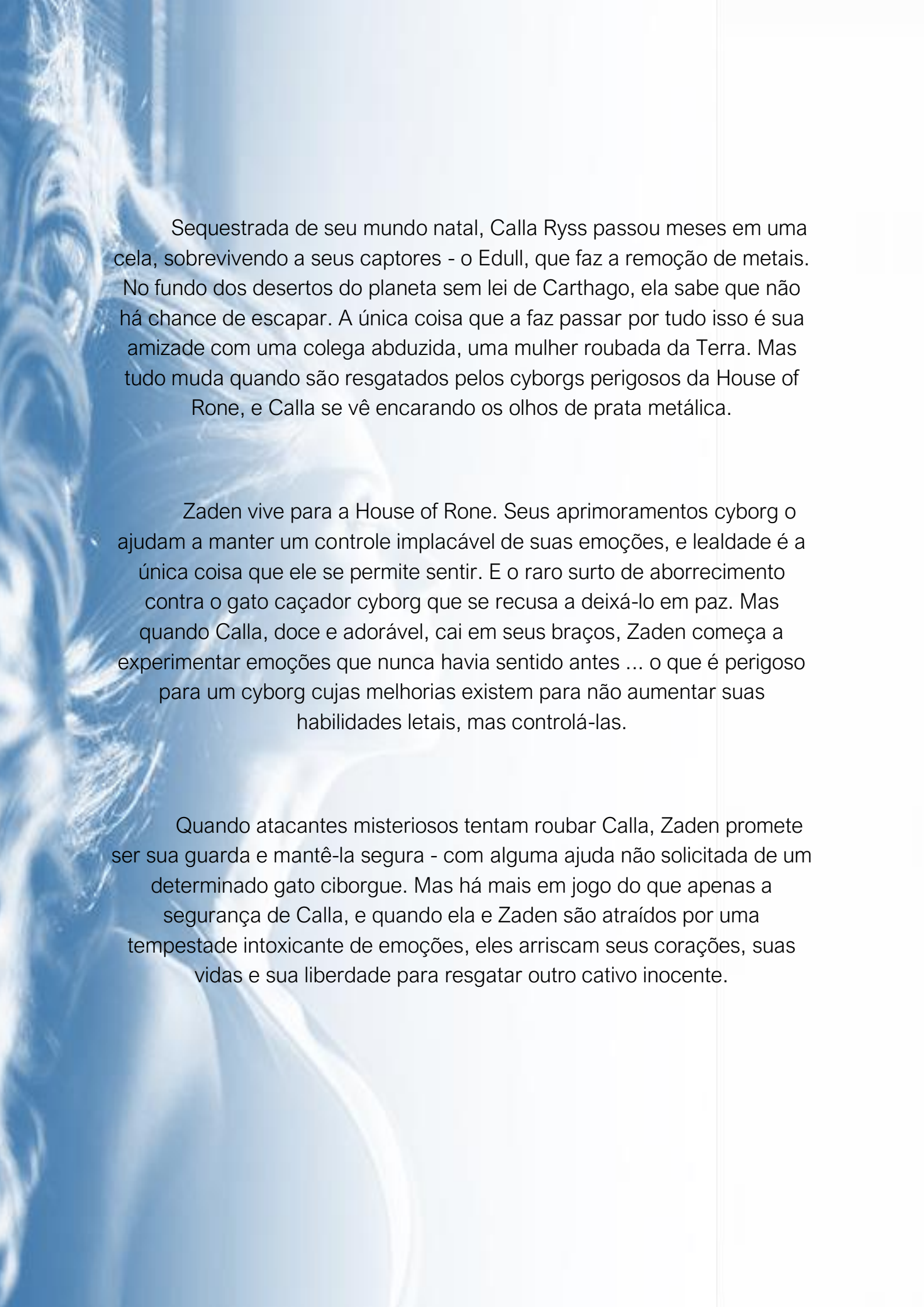












Sequestrada de seu mundo natal, Calla Ryss passou meses em uma cela, sobrevivendo a seus captores - o Edull, que faz a remoção de metais. No fundo dos desertos do planeta sem lei de Carthago, ela sabe que não há chance de escapar. A única coisa que a faz passar por tudo isso é sua amizade com uma colega abduzida, uma mulher roubada da Terra. Mas tudo muda quando são resgatados pelos cyborgs perigosos da House of Rone, e Calla se vê encarando os olhos de prata metálica.

Zaden vive para a House of Rone. Seus aprimoramentos cyborg o ajudam a manter um controle implacável de suas emoções, e lealdade é a única coisa que ele se permite sentir. E o raro surto de aborrecimento contra o gato caçador cyborg que se recusa a deixá-lo em paz. Mas quando Calla, doce e adorável, cai em seus braços, Zaden começa a experimentar emoções que nunca havia sentido antes ... o que é perigoso para um cyborg cujas melhorias existem para não aumentar suas habilidades letais, mas controlá-las.

Quando atacantes misteriosos tentam roubar Calla, Zaden promete ser sua guarda e mantê-la segura - com alguma ajuda não solicitada de um determinado gato ciborgue. Mas há mais em jogo do que apenas a segurança de Calla, e quando ela e Zaden são atraídos por uma tempestade intoxicante de emoções, eles arriscam seus corações, suas vidas e sua liberdade para resgatar outro cativo inocente.

CAPITULO UM

Ela moveu o braço dela ao luar, primeiro o da esquerda e depois o da direita.

Sua pele marrom ainda parecia a mesma, e o luar ainda parecia prateado. Simplesmente não era da pequena lua que orbitava seu mundo de Rella.

Suspirando, Calla Ryss abaixou o braço e puxou os joelhos contra o peito. Seu olhar subiu para o céu escuro acima dela, e as duas enormes luas pairando lá.

Os orbes cobriram a cidade em prata macia. Do seu poleiro na varanda, ela tinha uma bela vista de Kor Magna - a capital do planeta deserto de Carthago. Aqui na bonita luz da lua, ela a lembrava das cidades antigas do passado de Rella. A maioria dos edifícios era feita de pedra antiga que praticamente palpitava com um senso de história. Nas proximidades, as imponentes muralhas da arena se erguiam. Luzes brilhavam no estádio e ela ouviu um som como um trovão distante. Era a multidão, assistindo uma das lutas de gladiadores.

Sua barriga apertou. Ela estava tão longe de casa.

Ela olhou para as poucas estrelas que podia ver no céu. Lá em cima, em algum lugar, estava Rella. Ela não tinha ideia de onde, já que era apenas chef, não astrônoma ou navegadora. Ela, Calla Ryss, não era ninguém especial.

Ela estava tão animada quando recebeu a oferta para se juntar à tripulação de uma das primeiras naves estelares de seu planeta. As viagens espaciais ainda eram uma área florescente para Rella, como ela aprendeu que era para o planeta Terra.

Seus pais ficaram chateados no começo, não querendo que a filha estivesse tão longe de casa. Calla tinha certeza de que sua mãe só queria continuar suas tentativas de encontrar um parceiro adequado para Calla.

Calla estava tão orgulhosa que lhe ofereceram uma posição no navio. Claro, ela acabara de trabalhar na cozinha, alimentando a equipe de cientistas, pilotos e equipe de segurança do navio. Mas isso não tornou menos uma aventura.

Sua família era toda viciada em trabalho inteligente e dedicada. Seu pai era curandeiro, sua mãe administrava seus próprios negócios de sucesso e seu irmão era um renomado professor nas Academias Rellan. Calla nunca sentiu que se encaixava. Ela se movia de emprego em emprego, nunca encontrando o que amava ou era boa... até começar a cozinhar.

Uma Ryss pode ser mais do que uma cozinheira, Calla.

O eco da voz do pai a fez encolher os ombros. Outro lembrete de que Calla nunca sentiu como se pertencesse à sua família.

E ela certamente não pertencia a Carthago.

Ela apertou a bochecha no joelho. Era emocionante, a princípio, viajar entre as estrelas. Mas então, tudo deu muito errado quando sua nave estelar foi atacada por escravagistas alienígeas.

A garganta de Calla se apertou. Em sua cabeça havia ecos de gritos, sirenes e imensos alienígenas demoníacos que haviam embarcado no navio. Ela estava com tanto medo. Ela foi arrastada pelas mãos de garras para uma pequena nave alienígena e jogada em uma cela.

Engolindo, ela tentou se acalmar, mas seu coração batia como uma coisa presa no peito. *Você está segura agora, Calla.*

Os thraxianos também haviam sequestrado outros. Eles também atacaram uma nave de exploração da Terra e trouxeram seus cativos através de um buraco de minhoca para o outro lado da galáxia. Para este planeta deserto sem lei.

Ela estremeceu. Foi explicado a ela que o buraco de minhoca havia sido transitório e que havia desmoronado desde então. Não havia caminho para casa, já que Rella e Terra estavam do outro lado da galáxia.

Calla havia sido vendida para os Edull - catadores de metal que viviam nas profundezas do deserto. De alguma forma, mesmo que houvesse tantos dias em que ela tinha certeza de que morreria, ela conseguiu sobreviver às celas, às experiências e ao tratamento grosseiro.

Principalmente, tudo foi graças a uma mulher da Terra - uma colega abduzida - chamada Sage. A natureza doce da mulher e o otimismo implacável mantiveram Calla viva, mesmo nos dias mais sombrios.

Então elas foram resgatadas por perigosos gladiadores cyborgs que as trouxeram aqui para a Casa de Rone.

Calla ainda não conseguia acreditar que estava segura. De repente, um grito agudo quebrou o silêncio da noite. Ela levantou a cabeça e olhou ao longo da varanda, com seus suaves arcos de pedra. Parecia um gato... ou um bebê.

Ela olhou por cima do parapeito. Lá embaixo, ficava a arena de treinamento. Durante o dia, estava cheio de gladiadores e cyborgs, mas hoje à noite estava vazia. Quando viu os cyborgs pela primeira vez, ficou aterrorizada. Eles eram todos ferozes, frios e assustadores.

Mas eles a salvaram e Sage dos Edull. E eles já haviam libertado outros dois do navio de Sage, o *Helios* - Quinn e Jayna.

Calla ouviu o som melancólico novamente e olhou mais uma vez. Ela não sabia dizer de onde vinha o barulho.

Ela recostou-se, seu olhar se movendo para o céu noturno novamente. Ela estava bem ciente de que ainda havia mais humanos por aí. Ela tinha sido a única Rellan tomada - a dor gravada em seu interior com o pensamento. Seu navio se partiu rápido demais para os thraxianos prenderem outros.

Infelizmente, Calla e Sage não tinham idéia de quantos outros humanos estavam presos. Os Edull os mantiveram separados, mas eles estavam lá fora, em algum lugar.

Espero que vocês fiquem livres em breve.

Ela sabia que os cyborgs da Casa de Rone e Quinn, chefe de segurança do *Helios*, estavam ocupados procurando por eles. Calla não poderia realmente contribuir com nada para a pesquisa. Fazer uma sobremesa perfeita ou fazer guloseimas com muito glacê não ajuda muito quando você precisa encontrar escravos roubados.

Ela suspirou. Ela não tinha cozinhado desde o sequestro, mas recentemente, estava começando a sentir o desejo novamente. Para afundar as mãos na massa e criar algo delicioso. Não que isso importasse. A Casa de Rone tinha uma cozinha inteira de cozinheiros para alimentar todos que trabalhavam lá.

O grito agudo e alto voltou e Calla franziu o cenho. Desta vez, parecia mais um bebê. Talvez fosse a filha de Ever. A sobrevivente humana da Estação Espacial Fortune estava aqui há muito mais tempo do que as sobreviventes do *Helios e Calla*. Desde o resgate, a mulher havia dado à luz e agora tinha Asha, uma menina de rosto doce. Ever também estava apaixonada pelo Imperator da Casa de Rone, Magnus Rone.

Calla estremeceu. Esse cyborg era além de assustador. Ela não tinha ideia de como Ever terminou com o homem.

Agora, Calla ouviu as risadas - sexy e exuberante.

Ela olhou por cima do ombro para o quarto vizinho ao dela. Pertencia a Jaxer Rone e Quinn Bennett.

Outra mulher humana e cyborg que estavam muito apaixonados. Oh, o par provavelmente estava ficando nu. Calor encheu as bochechas de Calla. Jax e Quinn sempre se entreolharam com calor nos olhos.

Calla ouviu aquele lamento triste *novamente* e franziu a testa. Agora, parecia felino e definitivamente tinha vindo de baixo. Ela se ajoelhou e se inclinou sobre a varanda. Seu coração bateu forte.

Havia uma borda logo abaixo da varanda e estava coberta de trepadeiras. O barulho vinha dali. Seu coração bateu novamente e ela apertou a palma da mão. Foi um choque sentir o metal liso sob sua blusa. Um lembrete de que seu coração não era mais seu coração.

Calla havia sido ferida durante seu resgate. Os dedos dela flexionaram. Vagas, lembranças sujas de sangue a atingiram.

Uma luta brutal. Um forte golpe no peito. Braços firmes a pegando. Um rosto bonito e frio e olhos prateados metálicos.

Seu coração cibernético novinho em folha bateu forte. Ela ainda não tinha muita certeza de como se sentia sobre o fato de ter um pedaço de metal embaixo das costelas. Sob as pontas dos dedos, ela sentiu a pele flexível de metal que cobria o buraco no peito.

Ela estava viva. Era tudo o que tinha que lembrar.

O grito voltou novamente. Desta vez, parecia exigente.

— Está bem, está bem. — Calla jogou uma perna por cima do parapeito. Ela não deixaria algum pobre animal ficar preso lá fora.

Os pés dela emaranharam nas videiras crescendo na borda. Ela percebeu, tardiamente, que seus chinelos macios não eram exatamente os melhores para escalar. Uma vez que seus pés estavam firmemente na borda - a borda muito estreita - ela começou a se mover ao longo dela. Quando sua blusa pegou uma videira, ela amaldiçoou e puxou-a livre.

Ela arrastou-se junto e, um momento depois, viu o gato.

Calla congelou, encarando a criatura. Estava do outro lado de uma pequena brecha, aninhada na borda sob a varanda da sala ao lado da dela.

Não era um gato comum. Ela vislumbrou esse animal em torno da Casa de Rone uma ou duas vezes. O gato era um cyborg.

Parecia que tinha começado a vida como um pequeno gato caçador. Seu corpo forte foi construído para perseguir presas. Tinha pêlo escuro e estampado, uma perna cibernética, várias articulações metálicas e um implante metálico para um olho.

Ele olhou para ela, seu olho cibernético brilhando verde neon.

— Olá. — disse Calla.

O gato chorou novamente.

— Você está preso? — Ela se aproximou do espaço entre eles. Não era muito largo, e ela estendeu a mão, movendo a mão lentamente. O gato a deixou dar um tapinha. — Uau, você é suave e tão único.

Sem aviso, o animal recuou, fora de alcance.

— Você não gosta daqui, não é? Vamos tirar você dessa borda.

Calla se inclinou ainda mais sobre a abertura, estendendo-se para tentar colocar as mãos em torno do animal. Ele deu outro grito felino e recuou novamente.

— Vamos lá, *dara*. Eu não vou te machucar.

Os dedos dos pés estavam na beira da borda, os dedos roçavam o pelo. Só um pouco mais...

Calla jurou que o gato sorria para ela. Então saiu de debaixo da mão dela.

Ela desequilibrou e gritou. Ela caiu da borda da varanda e despencou.

Pela Deusa, a qualquer segundo, ela estava indo para o chão e quebrando alguns ossos. Ela fechou os olhos com força.

Mas ela não caiu no chão. Em vez disso, ela foi pega em um par de braços fortes.

Seus olhos se abriram e ela olhou para os olhos prateados que assombravam seus sonhos.

***

Zaden não tinha muita certeza de como se encontrava com uma mulher curvilínea em seus braços. Ele sentiu o hálito da mulher.

— Obrigada. — ela sussurrou.

Ela tinha uma cadência hipnotizante em sua voz. Seu sotaque do planeta de onde ela veio.

Ele a colocou de pé. — Você não deveria se pendurar na varanda. Você poderia ter se machucado.

E ela já havia sido ferida pelos Edull e Thraxians.

Zaden lembrava cada segundo do resgate de Calla. Ele sentiu um pico contra seus amortecedores emocionais. Ela foi atingida por um projétil balístico de alta velocidade. Isso destruiu seu coração e a deixou morrer, seu sangue bombeando por toda parte.

Ela pousou nos braços dele também, seu olhar marrom preso ao dele. Ele a segurou, pressionou sua ferida. Então ele usou suas habilidades telecinéticas para estancar a perda de sangue e manter o sangue bombeando ao redor de seu corpo até que eles pudessem levá-la aos curadores.

Desde o retorno à Casa de Rone, os curandeiros haviam substituído seu coração. Zaden sentou-se ao lado de sua cama na área médica, ainda manchada pelo sangue, até saber que ela ficaria bem. Ele a observou enquanto ela dormia.

Até Jax, o segundo da Casa de Rone, o forçar a descansar.

Ela era tão pequena. Ela mal alcançava o esterno dele e tinha uma massa grossa de cabelos pretos, com apenas uma pitada de ondulação. O vento gostava de pegar os fios de seu cabelo e dançá-lo em torno de seu lindo rosto. Sua pele era marrom-bronze, e ela tinha um padrão dourado que circulava seu rosto, da testa, pelas laterais do rosto e até o queixo.

— O gato estava preso na borda e com medo. — Calla apontou para cima. — Eu estava tentando ajudá-lo caso ele caísse.

Zaden estreitou o olhar. — O que?

— O gato cyborg. Estava preso...

Houve um *baque* silencioso, e o gato em questão aterrissou ao lado deles no chão com perfeita destreza. O animal levantou uma pata e lambeu-a delicadamente.

Calla ofegou. — Ele pulou muito bem!

Zaden franziu o cenho para a criatura. Ele sabia que era altamente inteligente, especialmente com todas as suas melhorias, e totalmente capaz de jogar. — *Ela*. Esse animal é ela, e ela pode escalar essas paredes perfeitamente.

O gato levantou a cabeça, parecendo o epítome da inocência. Tinha sido a desgraça de sua existência desde que ele salvou de um acidente e cuidou da sua saúde.

Ele amaldiçoou mentalmente Jax por forçar o animal a ele. Zaden lembrou exatamente o que o cyborg havia dito. *Ele lhe ensinará como lidar com as emoções que você gosta de fingir que não sente.*

— É seu gato? — Grandes olhos castanhos olharam para ele.

— Eu a alimento. — Zaden não mencionou que, apesar de uma cama perfeitamente boa, o gato entrava em sua cama todas as noites.

— Então, ela *é* sua.

Ele olhou para o gato. — Não.

Os lábios de Calla se contraíram. — Bem. Qual é o nome dela?

— Cat. — ele respondeu.

A mulher piscou lentamente. — Você chamou seu gato de Cat?

Ele sentiu uma vontade desconhecida de mexer os pés, mas a sufocou. — Parecia ser um apelido apropriado.

Os lábios de Calla estavam definitivamente tremendo. — Ok, Zaden.

Ele parou. — Você sabe meu nome.

Alguma emoção que ele não conseguia reconhecer passou pelo rosto dela. — Sim. Você me salvou, Zaden. Você me manteve viva no deserto, e eu nunca esquecerei isso. Então, sim, eu sei o seu nome.

Ele sentiu algum tipo de músculo se esticando em seu peito. Ele sabia o que era emoção. E sentir emoções era perigoso para ele.

Ao contrário dos outros cyborgs da Casa de Rone, que tinham implantes para aprimorar e aumentar suas habilidades, Zaden os mandava refrear suas habilidades letais.

Ele se afastou de Calla. — Estou feliz que você esteja bem.

— Calla. — disse ela. — Por favor, me chame de Calla.

Outro aperto em seu peito. — Calla.

Ela sorriu. — Você vai andar comigo?

Ele precisava se afastar dela. — Estou no serviço de segurança e você deve voltar para o seu quarto. Vou levá-la até as escadas.

— Tudo certo. — Quando eles entraram em cena, ela olhou para ele. — Você está de serviço a noite toda?

— Sim.

— Você não precisa dormir?

— Sim, mas não preciso muito disso. — Ele manteve alguma distância entre eles.

Um segundo depois, Cat passou pelos pés de Calla, quase a fazendo tropeçar. Ela riu e se conteve, seu braço roçando o dele. Eles estavam muito mais perto agora.

Essa pequena fêmea o deixava... desconfortável. Estar perto dela o deixava inquieto. Ainda assim, ele se permitiu absorver a presença dela enquanto caminhavam.

Ela o encheu de perguntas sobre a arena de treinamento e o serviço de segurança. Então ela olhou para cima. — As luas são tão bonitas. Oh, olhe, uma nebulosa. — Ela apontou.

— Chama-se Nebulosa A'Taro. Meu mundo natal está muito próximo disso.

— Oh? — Ela inclinou a cabeça, o interesse em seu rosto.

Por que ele disse isso a ela? Ele não pensava em seu mundo natal por muito tempo.

— Chama-se Zaldi.

— Um nome bonito.

Mas, na realidade, o planeta de Zaldi estava longe de ser bonito.

— Como você acabou aqui, em Carthago? — ela perguntou.

— Minha espécie é telecinética. Eu era muito... poderoso. — Por um segundo, lembranças de gritos e sangue afogaram sua mente.

— Zaden? — Uma escova de dedos em seu braço.

Ele se sacudiu. — Eu precisava de implantes para amarrar minhas forças. Os que meu pessoal me deu não tiveram sucesso e, finalmente, fui exilado.

Ela ofegou. — O que?

— O exílio é uma prática comum para os criminosos de Zaldi, e outras pessoas são consideradas perigosas demais. — Como a pequena porcentagem da população cuja telecinesia atingiu níveis exponenciais e incontroláveis.

— Isso é horrível.

Calla pressionou a mão em seu braço, e Zaden olhou para os dedos finos descansando em sua camisa preta.

— Foi há muito tempo.

Então ela se afastou e ele percebeu que haviam chegado ao pé da escada.

— Você deveria voltar para o seu quarto. Por favor, não caia da varanda novamente.

Calla sorriu. — Vou tentar o meu melhor. Boa noite, Zaden. Obrigado pela captura. — Ela olhou para baixo. — E boa noite para você, Cat.

Zaden a observou subir as escadas. Então ele se virou e viu que Cat estava olhando para ele com um olhar de reprovação.

— Você é problemático. — disse ele ao animal. — Cuidado, ou eu vou desligar você e executar uma reinicialização completa do sistema.

Cat lambeu a pata, claramente despreocupada com a ameaça.

CAPITULO DOIS

Calla assistiu o turbilhão mortal de espadas na arena de treinamento e pressionou as mãos na barriga. Assistir Quinn lutar com Jax era uma exibição incrível.

A mulher era incrível.

Calla encostou-se a uma das colunas de pedra que circundavam a arena. A pedra irradiava calor do sol. Correção, sóis. Rella tinha um clima muito mais temperado, por isso ainda não havia se adaptado ao calor seco de Carthago.

Ela observou as espadas colidirem, a luz do sol refletindo nas lâminas afiadas. A chefe de segurança sorriu para o cyborg e ele sorriu de volta. Tanta felicidade irradiava do casal.

Jax mostrava muito mais emoção que os outros cyborgs. Ele tinha uma pitada de metal prateado ao longo de uma maçã do rosto e metal embutido em um ombro. O braço direito dele estava coberto por uma intrincada tatuagem que ela sabia que ele poderia usar como arma. Mas, apesar das partes mecânicas, ele ainda era um homem.

De repente, ele bateu a espada de Quinn de lado e se aproximou. Ele agarrou Quinn com o outro braço e a puxou para um beijo rápido e apaixonado.

A barriga de Calla inundou de calor e ela sorriu. Era tão agradável de assistir, mesmo que a fizesse sentir falta de sexo e estar perto de alguém.

Sim, Jax definitivamente sentia mais emoção. Definitivamente mais do que Zaden, isso era certo.

Seus pensamentos se voltaram para o cyborg remoto e frio que salvou sua vida e a salvou de um ou dois ossos quebrados na noite passada.

Ela viu o rosto dele em seus sonhos. Ela mordeu o lábio inferior. Ele a ancorou à vida quando ela estava sangrando. Ela imaginou que isso forjou algum vínculo entre eles.

Ou, pelo menos, tinha para ela.

Ela estava agradecida por ele a ter salvado, mas era mais do que isso. Ele fez sua barriga enrolar e seu novo coração palpitar.

Uma parte dela queria morrer lá no deserto, mas aqueles olhos prateados a mantiveram viva.

Calla balançou a cabeça. Era tão bobo ter sentimentos por um homem que não sentia.

Ela nunca esteve apaixonada. Oh, ela teve algumas paixões, alguns amantes decentes e teve seu coração amassado algumas vezes, mas ela nunca teve o que viu brilhando entre Quinn e Jax.

Ela ouviu passos e se virou para ver Jayna saindo de uma das portas em arco. Junto com Sage, a mulher ajudou a cuidar de Calla de volta à saúde. O tempo todo, a mulher as bombardeou com músicas estranhas e incríveis da Terra. Principalmente o que Jayna chamava de rock.

Jayna havia sobrevivido à sua própria provação com os Edull e ainda estava se recuperando. Normalmente, o enorme e ameaçador cyborg da mulher não estava longe dela. Mace levava a palavra intimidador a novos níveis, mas não havia dúvida de que ele estava completamente apaixonado por Jayna.

— Oi, Jayna.

— Calla. — A mulher lançou-lhe um sorriso largo. Ela tinha uma longa massa de cachos castanhos que Calla cobiçava. — Como você está?

— Ótima. Ah, acabei de me lembrar que tenho algo para você.

— Oh? — As sobrancelhas de Jayna se ergueram, com curiosidade no rosto.

Calla enfiou a mão nos bolsos da saia larga. — Não é muito. — Ela levantou uma panela pequena. — Eu peguei algumas frutas da cozinha. Ouvi você dizer outro dia o quanto sente falta da geléia de morango caseira de sua mãe. — Calla sacudiu a panela, a geléia vermelha lá dentro capturando a luz. — Eu fiz um pouco de geléia para você. Não é morango, mas Sage me garantiu que as bagas que usei são as mais próximas por aqui.

Jayna lançou-lhe um olhar atordoado, seu sorriso largo. — Obrigada, Calla. Isso é incrível.

Calla encolheu os ombros. — É só geléia. Um pequeno obrigada por me ajudar e me fazer sentir bem-vinda aqui.

A mulher da Terra a puxou para um abraço de um braço. — Você está indo bem, Calla.

Calla sorriu, querendo dizer a Jayna que ela ainda não se encaixava aqui. Que ela se sentia uma estranha, comparada a essas bravas mulheres da Terra que avançavam e criavam um lugar para si mesmas. Mas o barulho de metal a distraiu e a fez olhar através da arena de treinamento.

Quinn saltou no ar, sua espada atingindo a lâmina de Jax. Quinn havia encontrado um lugar aqui. E Jayna era uma cientista, trabalhando com Ever nos laboratórios da Casa de Rone. Até Sage estava começando a trabalhar com os curandeiros da Casa de Rone.

Calla não tinha habilidades especiais. Ao contrário dessas mulheres inteligentes e talentosas, ela era apenas um fardo.

Um homem grande saiu de uma porta e caminhou na direção delas. Seus ombros eram largos e as pernas cobertas de couro eram como os troncos das enormes árvores *frenéticas* que cresciam em Rella. Seu olhar fixou-se em Jayna. Calla ficou rígida.

Jayna viu o homem e seu rosto ganhou vida. — Não ligue para ele.

— Ele é tão grande. — Calla sussurrou.

— Mas ele é um ursinho de pelúcia sob a dureza.

Calla sabia que o bebê Asha tinha um pequeno brinquedo chamado ursinho de pelúcia. Não havia nada de brinquedo em Mace. Ela lançou um olhar duvidoso ao cyborg de aparência rude. Se Mace era um ursinho de pelúcia, ele era assim para Jayna.

De repente, o homem parou, virando-se para falar com alguém. Calla viu Zaden aparecer.

Oh. Ele era tão bonito. O corte reto do nariz, a linha forte da mandíbula. Até o metal visível em seu pescoço era sexy. As mãos dela coçavam ao tocá-lo. Explora-lo.

— Mmm.

O barulho que Jayna fez com a cabeça de Calla se sacudisse. Ela desviou sua atenção de Zaden. — O que?

— Eu vi você olhando para ele.

Ela lutou contra um rubor. — Mace?

— Não brinque comigo. Não, o jovem e sexy Zaden.

Calla mexeu nas sandálias. — Ele é... muito cyborg.

— Todos eles são, Calla. — Jayna olhou através da arena de treinamento onde Jax estava provocando Quinn. — Magnus, acima de tudo.

É verdade que o imperador amava Ever e sua filha.

— Eles nunca tiveram motivos para mostrar sua emoção ou explorá-la. — Jayna sorriu. — Acho que eles precisam da pessoa certa para ensiná-los.

Calla sentiu uma palpitação na barriga e olhou para Zaden novamente. Ele estava caminhando ao lado de Mace em direção a ela e Jayna.

— Jayna. — Mace abaixou a cabeça, roçando os lábios nos da mulher. — Estou indo para o mercado subterrâneo para obter alguns materiais para Maxon.

Maxon era o chefe de armas da Casa de Rone. A casa era conhecida por fabricar armas superiores, e Maxon era o melhor. Calla não tinha conhecido o homem, mas uma vez, ela o ouviu berrando pelo corredor. Seu temperamento era lendário.

Jayna se inclinou para o homem dela. — Você pode obter essa nova tela de comp para o laboratório? Preciso disso para um projeto em que estou trabalhando.

Mace passou a mão pelos cabelos. — Qualquer coisa que você quiser. Zaden está vindo comigo para ajudar a trazer as mercadorias de volta.

Calla sentiu algo roçar os tornozelos e olhou para baixo, para ver que Cat havia aparecido. O olho de néon do animal brilhava.

— Ah, aposto que Calla *adoraria* ver os mercados. — A voz de Jayna estava cheia de entusiasmo.

Calla estremeceu. — Oh, eu...

— Leve-a. — insistiu Jayna. — Será bom para ela sair. — A mulher deu um empurrãozinho em Calla na direção a Zaden.

As expressões dos dois homens não mudaram, mas Calla teve a impressão de que nenhum dos dois ficou emocionado com esse desenvolvimento. Baixando o olhar, ela viu a menor curvatura dos dedos de Zaden.

— Talvez não hoje... — Calla começou.

De repente, Cat passou por suas pernas e a fez tropeçar. Ela tropeçou para frente e plantou o rosto no peito de Zaden. Ele a agarrou para impedi-la de cair.

A prata em seus olhos brilhava. — Você quer ver o mercado?

— Eu adoraria vê-lo, mas não quero atrapalhar.

Mace apenas deu de ombros, então Zaden deu a ela um breve aceno de cabeça. — Muito bem. Você pode se juntar a nós.

Não era exatamente o convite mais caloroso, mas ela queria ir. E qualquer chance de passar algum tempo com Zaden era uma que ela queria aproveitar.

***

Zaden não parava de encarar o rosto de Calla enquanto caminhavam em direção aos mercados subterrâneos.

Puro prazer estava gravado em suas feições. Ela olhava tudo, absorvendo todos os aspectos da cidade. Até a calçada suja em que estavam caminhando.

Enquanto isso, ele não gostava que ela estivesse fora da Casa de Rone. Ela estava exposta.

Ele se forçou a regular o pico da emoção. Ela não estava em perigo. Os Edull se prenderam às cidades sucateadas no deserto e, até onde a Casa de Rone podia dizer, não havia razão para eles virem atrás de Calla.

Eles resgataram Calla e Sage de um posto avançado da cidade de Bari Batu, em Edull. A Casa de Rone ainda estava ocupada procurando a localização principal da cidade, mas estava se mostrando uma missão difícil. Os Edull estavam escondidos há muito tempo e eram bons nisso. Sage e Calla só se lembravam das paredes das celas, laboratórios feios e tinham sido vendadas quando foram transferidas.

Calla inclinou a cabeça para trás, girando para olhar para os edifícios. Isso fez o tecido sedoso de sua saia verde brilhar ao seu redor. Ela sorriu para as pessoas que passaram por eles.

Zaden se perguntou como era se *sentir* assim. Ser livre para deixar que qualquer emoção o encher, ficar imerso em tudo e desfrutar de coisas tão simples.

Para ele, emoção igualava ao perigo. Ele exigia disciplina constante para controlar seu poder. Alegria era algo que ele não conhecia.

Calla se virou e esbarrou nele.

— Desculpe, Cat parece gostar dos meus pés por algum motivo.

Zaden olhou para o gato cyborg. Estava provando ser um incômodo. O animal queria ir ao mercado, e não importava como ele tentasse mantê-la de volta na Casa de Rone, o gato estava determinado a acompanhá-los.

Cat agora estava andando pela calçada como se fosse da cidade. Mace estava andando na frente deles.

Logo, eles alcançaram a rampa que levava ao mercado. Ele caiu em espiral, cortou as paredes de pedra de um buraco natural.

— Oh, minhas estrelas. — Os passos de Calla vacilaram. O rosto dela estava iluminado quando eles entraram nos mercados.

O espaço cavernoso estava cheio de barracas e pessoas. Um barulho de eco ecoou nas paredes lisas de pedra. A luz filtrava das fendas acima e as lâmpadas alaranjadas presas às paredes aumentavam o brilho.

Mas tudo o que Zaden pôde fazer foi assistir o rosto dela. Seu intestino apertou. Que outras coisas colocariam aquele olhar de admiração em seu rosto?

— Olhe para todas as barracas. — Ela foi até as barracas de comida, olhando todas as frutas e legumes coloridos.

Mace seguiu em frente com um aceno de cabeça. Zaden examinou os itens de comida em exibição. Seu olhar se concentrou em um *habith de* cor *púrpura*. Ele pensou que ela poderia gostar. Ele rapidamente levantou o medalhão da Casa de Rone, e o dono da barraca concordou. Zaden pegou um *habith* e segurou-o para Calla.

— Dê uma mordida.

Sorrindo, ela se inclinou para frente. Seus pequenos dentes brancos afundaram na carne roxa, então ela gemeu.

Desta vez, Zaden sentiu um lampejo de calor muito confuso em seu intestino. Ele franziu o cenho com a sensação.

— Aqui, você tenta. — Ela pegou o *habith* da mão dele e segurou-o nos lábios. O suco azedo escorreu em sua boca.

Era doce e ousado demais para seu paladar mais suave, mas ele queria fazê-la feliz. Ele deu uma pequena mordida e seus lábios roçaram os dedos de Calla.

Ela ofegou, rosa enchendo suas bochechas. Então ela lambeu os lábios.

Zaden agora percebeu que a crescente necessidade em seu intestino era desejo. Ele rapidamente se afastou dela.

Ela se virou, olhando e tocando algumas das outras frutas, fazendo perguntas aos donos das barracas.

Quando ela se esticou na ponta dos pés, tentando alcançar um *tom de* gordura na parte de trás da tela, ele usou a telecinesia para levantar o melão e trazê-lo para ela. A mão dela se fechou e ela girou para olhá-lo.

— Você pode levitar as coisas?

— Telecinese. Eu te disse, minha espécie tem essa capacidade.

— Isso é incrível.

Ninguém nunca havia chamado assim - tinha sido uma maldição, abominação, arma, mas nunca incrível. Certamente não tinha sido incrível quando ele matou sua mãe e irmão. Toda a sua vida, seu poder era um monstro a ser contido.

— Zaden? — Calla tocou a mão no peito.

Ele respirou fundo. — Meus implantes... eu os tenho para controlar meu poder. Eu sou perigoso, Calla.

Ela o olhou diretamente nos olhos. — Eu vi o perigo, Zaden. Eu vi perigoso e cruel, de perto e pessoal. Isso não é você.

De repente, o grito de um vendedor ambulante cortou o ar, anunciando uma venda. Calla girou e seguiu direto para uma barraca que vendia assados. Zaden a seguiu.

Sorrindo, ela olhou para tudo. — O que é melhor?

— Eu nunca tentei nada disso.

— O que? — Ela parecia horrorizada. — Bem, teremos que mudar isso. — Ela olhou de volta para o dono da loja. — Vamos levar um desses, e um desses. — Ela apontou os itens.

— Calla, eu tenho refeições nutricionalmente equilibradas na Casa de Rone...

— Há mais na comida do que apenas nutrição.

Ele juntou as sobrancelhas. — Há sim?

Ela assentiu. — Você sabia que sou chef? Eu faço comida para viver. É coisa minha. — Ela levantou uma fatia minúscula de algo que tinha uma substância amarela e vacilante no topo. Ela mordeu e gemeu. Um pouco do creme amarelo cobriu seu lábio superior. Seu lábio roliço e rosa.

Mais uma vez, o gemido dela provocou algo dentro dele que ele não conseguiu processar.

Um miado exigente encheu o ar. Zaden piscou. Ele havia esquecido o gato. Com uma risada, Calla caiu e deu um pouco do doce para o animal. Cat não perdeu tempo, e Calla riu de novo.

Quando ela se levantou, voltou-se para Zaden. Ela ficou na ponta dos pés e pressionou um pedaço de doce na boca dele.

— Tente.

Resignado, ele deu uma mordida. Um sabor delicioso explodiu em sua boca, o sabor mais suave que a fruta azeda.

— Melhor? Eu poderia dizer que você realmente não gostou da fruta.

Ele endureceu. Como ela poderia lê-lo assim? Ele sabia que seu rosto não havia mudado e abandonou seus pensamentos.

Seus lábios tocaram seus dedos novamente e seus olhares se encontraram. Seus dedos estavam cobertos de creme e pó.

Ele podia ouvir o coração dela. Ele acelerou, batendo rápido. Antes que ele pudesse se conter, ele estendeu a mão e agarrou o pulso dela. Gentilmente, ele puxou a mão dela para mais perto. Então, ele lambeu o creme dos dedos dela.

Um aroma doce e picante irrompeu no ar, e ele percebeu o que era - a excitação dela. Por ele. Ele mal reprimiu seu estremecimento.

— Zaden. — A voz dela era ofegante.

Ele apertou a outra mão em um punho apertado. — Isso não é aconselhável. Eu não estava mentindo quando lhe disse que sou perigoso.

Mas ainda assim, ele a puxou para mais perto.

— Você não é perigoso para mim. — disse ela.

Mas Zaden não estava tão certo de seu controle, e ele não queria machucá-la. Ela já tinha sido machucada o suficiente.

— Você... beijou alguém antes? — ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Não.

Os lábios dela se separaram.

— Eu nunca quis. — ele disse a ela.

— E agora?

Ele foi pego no momento, na atração dela. — Agora eu quero. Você vai me mostrar?

Ela assentiu e ele abaixou a cabeça. Ela pressionou as mãos nos ombros dele e ficou na ponta dos pés.

Seus lábios se encontraram, os dela se moveram sobre os dele. Então a língua dela deslizou entre os lábios dele, acariciando. Seu sangue trovejou em suas veias. Ele imitou a jogada.

Enquanto eles continuavam se beijando, o mundo se derreteu. Enquanto ela aprofundava o beijo, parecia que o chão se inclinava sob seus pés.

Ele estava afundando nela, em todas as sensações e sentimentos, quando sentiu a pontada de garras na perna. Cat soltou um grito irritado.

Zaden deu um pulo e Calla se afastou, rindo.

— Acho que Cat pode estar com ciúmes. — disse ela.

Zaden olhou para o animal. A criatura era uma ameaça. — É melhor encontrarmos Mace.

Zaden deveria estar ajudando o cyborg mais antigo, não estando no mercado beijando uma sobrevivente alienígena.

Eles encontraram Mace, e ele já havia colecionado as peças para Maxon. Mace ergueu um caixote, enquanto Zaden pegou o outro. Calla andou na frente deles, Cat empinando ao lado dela.

Logo, eles saíram dos mercados e voltaram para a arena.

— Você gosta dela, Zaden. — Mace murmurou.

Ele olhou de soslaio para o rosto áspero de Mace. — Eu sei que devo ficar longe dela.

— Não foi o que eu disse.

Zaden rangeu os dentes. — Meu poder não pode quebrar suas correntes.

Mace olhou para ele. — Às vezes, ficar sozinho e negar seus sentimentos é tão ruim quanto se afogar neles.

Antes que Zaden pudesse responder, o som de motores de tiro disparou sobre o clamor normal da rua. Várias motos flutuantes passaram por Mace e Zaden. Ele olhou para eles, franzindo a testa. Eles estavam viajando rápido demais para a parte central da cidade.

Havia cinco no total - motos longas e elegantes, cada uma com um único piloto.

Então Zaden ficou rígido. Todos os cavaleiros usavam máscaras negras no rosto.

De repente, Mace largou o caixote e sacou a espada.

Zaden deixou cair sua própria caixa.

Uma moto desviou da estrada, indo direto para Calla.

— Calla! — Zaden gritou.

Ela virou. A moto pairou e o ciclista se inclinou na direção dela. Ele a pegou de pé, jogando-a sobre a moto na frente dele.

A moto acelerou.

Não. Zaden deu um passo à frente e, de repente, Cat pulou em seu ombro. Ignorando o animal, ele olhou para as motos correndo.

Seus músculos se contraíram, o poder inchou sob sua pele. Ele não os deixaria levar Calla.

CAPITULO TRES

Calla pairava sobre a bicicleta, observando o chão passar abaixo dela. *O que estava acontecendo?*

Mãos duras agarraram a parte de trás de sua blusa, pressionando o rosto no veículo.

De repente, a moto desviou para a esquerda e seu estômago revirou. Seu coração se alojou na garganta. Lutando contra seu medo, ela tentou se sentar. Ela não seria a vítima de ninguém novamente.

Ela conseguiu se levantar e deu um tapa no homem guiando. Ele estava usando uma máscara preta.

Ele xingou e a moto deu um pulo para o lado.

Calla quase caiu, mas ele afundou a camisa dela e a puxou para mais perto. Ela começou a lutar.

— Fique quieta. — ele latiu.

Ela o ignorou, depois olhou por cima do ombro dele.

Ela congelou, o ar saindo dela.

Zaden estava correndo pelo centro da rua, correndo em sua direção. O peito dela se expandiu. Ele era puro poder e movia-se incrivelmente rápido.

Calor estourou dentro dela. Ele estava vindo para ela.

Então o cavaleiro agarrou seus cabelos e a puxou para baixo. A dor explodiu em seu couro cabeludo.

A moto guinchou na esquina, e o motociclista parou em uma rua maior, cheia de tráfego. Os transportes estavam por toda parte. Eles contornaram perto de um transporte de tamanho médio e depois rugiram por várias faixas.

Calla gritou.

Quando olhou para trás, viu Zaden, esquivando-se dos transportes. Ele estava se aproximando, e ela notou Cat agarrando-se ao ombro dele.

Duas das outras motos recuaram. Eles haviam notado Zaden também.

Um motociclista girou sua moto, girando no ar. Ele acelerou em direção a Zaden, apontando direto para ele.

Não. O peito de Calla se apertou.

Então, de repente, a moto e o motociclista levantaram-se no ar. O cavaleiro gritou, caindo no chão.

A moto caiu em uma bola de metal e o ciclista foi jogado de lado, batendo na parede de um prédio.

Os olhos de Calla se arregalaram. Zaden tinha feito isso. Ela mal conseguia respirar. Quando ele mencionou seu poder telecinético, ela não havia entendido a profundidade disso.

O movimento acima chamou sua atenção e ela olhou para cima. Mace estava correndo pelos telhados dos edifícios. O cyborg saltou de um deles, voando através de uma fenda, depois aterrissou no próximo telhado.

Zaden e Mace se aproximaram. Então, Mace pulou para fora da lateral do prédio. Seu corpo grande se curvou para baixo e ele caiu em cima de uma das outras motos. Ele jogou o ciclista fora, assumiu o controle da moto e disparou para frente.

Ele estava correndo atrás das outras motos. Dois cavaleiros usaram explosivos, mirando.

Os transportes saíram do caminho e o fogo a laser encheu a rua. Mace puxou sua moto para o lado, evitando as explosões.

Calla sentiu uma inundação de satisfação selvagem. Essas pessoas se arrependeriam de atravessar a Casa de Rone.

Quando ela olhou para trás, viu que Zaden estava realmente perto agora.

O rugido alto de um motor. Ela olhou para frente e viu um enorme transporte preto estacionando à frente deles.

Uma rampa na parte traseira começou a descer.

Ah não. Seu motociclista disparou a moto, apontando para a rampa. *Não, não, não*. Calla tinha que ganhar tempo. Ela torceu e arranhou o rosto do homem, rasgando sua máscara.

— Pare, ou eu vou te machucar!

— Dane-se. — Ela ouviu Jayna usar a frase, e ela se tornou uma das suas favoritas. — Eu já fui sequestrada uma vez, e isso não está acontecendo novamente.

A moto começou a subir a rampa. À frente, o interior do transporte era uma sombra escura, mas havia uma pequena janela ao lado da porta traseira aberta.

Calla olhou para o vidro e depois parou.

O rosto de uma criança estava pressionado contra a janela. Olhos escuros, arregalados e medrosos, encaravam Calla.

A moto se aproximou, tão perto que Calla ficou de olho na garota. Ela tinha cabelos pretos emoldurando feições bonitas. Com um padrão dourado em volta do rosto.

Calla sentiu como se alguém a tivesse dado um soco.

A garota era *Rellan*. Assim como Calla.

A garota pressionou uma pequena palma no vidro, e Calla levantou a palma para encontrá-la.

Houve um grito selvagem e felino e, de repente, Cat pousou na cabeça do cavaleiro. O homem xingou e Cat bateu, suas garras arranhando o rosto do homem. A cauda cibernética de Cat chicoteou, envolvendo o pescoço do homem e puxando com força. O homem fez um som sufocado.

A moto deslizou para trás da rampa. Começou a inclinar para o lado, e Calla abriu a boca para gritar.

Antes que ela pudesse cair, Zaden estava lá, arrancando-a da moto.

Cat saltou, aterrissando ao lado deles, no momento em que a moto pairava e colidia com um transporte que passava.

Calla virou a cabeça e observou o transporte preto se afastando.

***

Segurando Calla no peito, Zaden caiu de joelhos. Ela estava respirando rápido e seu corpo tremia.

— Zaden. — Ela jogou os braços em volta do pescoço dele, segurando firme.

Ele apertou os braços, segurando-a perto, com uma mão espalmada na parte inferior das costas. Ela era tão pequena.

— Você está segura. — Ele não sabia que palavras usar para tranquilizá-la. Ele tinha uma experiência muito limitada, confortando pessoas.

— Você veio para mim.

— Claro.

Zaden percebeu que a raiva estava furiosa através dele. A fúria havia queimado todos os seus amortecedores. Ele estremeceu sob a força disso. Alguém tentou *levá*- la, machucá-la.

— Shh. — Calla acariciou sua nuca. — Estou bem. Você me pegou.

Ele tentou respirar calmamente.

— Está tudo bem. — ela murmurou. — Você pode relaxar agora.

Ele virou a cabeça e percebeu que vários transportes estavam flutuando no ar ao seu redor.

Ele perdeu o controle.

Respirando através da tempestade de emoção, ele abaixou os transportes para o chão.

Houve o rugido de uma moto e Zaden ficou tenso. Mas quando a moto pairou ao lado deles, ele viu que Mace estava andando nela. O rosto do grande homem era pedregoso.

Amarrado na traseira da moto estava um homem soluçando. Ele tinha uma máscara preta pendurada no pescoço.

— Mercenário. — Mace puxou o homem e o jogou no chão.

Zaden levantou-se. Perto, Cat sibilou e o mercenário se encolheu.

Cat se mudou para Calla, esfregando o corpo contra as pernas de Calla. Ela se agachou e esfregou o gato entre as orelhas antes de levar o animal até o peito.

— Oof, você pesa uma tonelada. — Então Calla pressionou o rosto no pelo do gato.

— Por que você mirou nela? — Zaden exigiu.

O homem sufocou os soluços. — Um trabalho. Era apenas um trabalho.

— Quem te contratou? — Zaden sabia que sua voz era fria, cortante, mas a raiva ainda o dominava.

— Se eles me dissessem que cyborgs estavam envolvidos, eu nunca aceitaria o cargo. Era para ser fácil. Apenas uma mulher indefesa.

A raiva de Zaden fervia, quente e repreendendo.

O mercenário gritou, seu corpo subindo do chão. Suas costas arquearam.

Zaden olhou para ele, querendo rasgá-lo em pedaços.

— Zaden. — Calla pressionou a mão no braço dele. Ele virou a cabeça e a viu olhando para ele.

Lembrou-se da expressão no rosto de seu pai quando descobriu o que Zaden, de cinco anos, havia feito. Em um ataque de raiva infantil, seu poder explodiu e ele matou sua mãe e irmão. Seu pai o encarou como se ele fosse um monstro.

Mas Calla o observava com preocupação. Não horror ou medo.

Cerrando os dentes, ele soltou o homem. O mercenário bateu na calçada.

— Há uma cela para você na Casa de Rone. — Mace arrastou o homem para cima.

O mercenário virou-se, olhando a rua. O rosto dele empalideceu.

Zaden olhou por cima do ombro.

Magnus Rone andou a passos largos na direção deles, o rosto vazio e as mãos em punho. No flanco dele estavam Acton e Toren - os outros dois cyborgs de elite da Casa de Rone.

O mercenário choramingou.

Magnus parou, seu olhar demorando em Calla antes de sua atenção se concentrar no mercenário. — Quem te contratou?

A voz de Magnus era como gelo.

— Eu não sei! Era anônimo. Por favor não me mate. Recebemos uma mensagem eletrônica com as instruções de trabalho e os créditos em nossa conta. Isso é tudo que eu sei.

— Onde eles a estavam levando?

— Disseram-nos para andar pela cidade até que alguém nos encontrasse. Eles estavam planejando levá-la para o deserto.

Calla fez um pequeno som e Zaden se aproximou dela. Ele passou um braço em volta dela.

— Leve-o de volta para a Casa de Rone. — ordenou Magnus. — Eu quero que ele seja interrogado.

Acton deu um passo à frente, estendendo a mão com um de seus braços cibernéticos para levantar o homem pelas costas da camisa.

— Espere. — disse Calla. — Havia um transporte preto.

Zaden assentiu. — Eles quase pegaram você.

— Eu vi alguém na parte de trás do transporte.

Magnus franziu o cenho. — Quem?

— Era uma criança.

Magnus se mexeu. Ele era pai e era protetor. — Continue.

— Ela tinha pele marrom e um padrão dourado no rosto.

Zaden ficou rígido e os olhos de Calla encontraram os dele.

— Ela era Rellan, como eu.

CAPITULO QUATRO

Calla deixou Ever, Jayna e Sage abraçá-la com força.

— Você tem certeza que está bem? — Ever perguntou.

— Estou bem. Zaden e Mace me resgataram. E... — O orgulho a encheu. — Eu bati no cara. Eu o machuquei.

— Bom para você. — disse Quinn ao lado deles. Ela deu um tapinha no ombro de Calla.

— Estou *tão* orgulhosa de você. — Sage abraçou Calla com mais força, sorrindo. Seu cabelo cor de cobre estava preso em um coque bagunçado.

Calla viu Cat espreitando pela sala. O animal estava grudado perto dela. — E Cat o arranhou muito bem.

— E Mace disse que Zaden assustou a merda fora deles. — acrescentou Jayna.

O coração de Calla caiu. — Aquela garotinha...

— Nós vamos encontrá-la. — Ever apertou a mão de Calla.

Sage assentiu, seus pálidos olhos verdes brilhando. — Absolutamente! Não vamos abandoná-la.

Isso foi Sage. Mesmo trancada em celas no fundo de Bari Batu, ela era como uma luz brilhante. Com sua pele pálida e cabelos brilhantes, ela era como uma estrela deslumbrante, mas era sua personalidade linda que brilhava.

Mas Calla às vezes se preocupava que Sage escondesse sua dor por trás de seus sorrisos brilhantes.

Houve barulho na porta e os cyborgs entraram na sala de estar de Ever. Magnus e Jaxer estavam na frente da sala.

— Você encontrou o transporte preto? — Calla perguntou.

Jax balançou a cabeça e seu peito se apertou.

— Como todos sabem, mercenários foram contratados para sequestrar Calla. — disse Magnus.

Calla levantou a cabeça e o olhar de prata metálico de Zaden pegou o dela.

Ele ficou bravo quando ela foi levada. Ela sentiu isso bombear sobre ele. Mas olhando para o rosto dele agora, ela não conseguiu captar nada.

Mesmo com todo o drama, ela não tinha esquecido que ele a beijara no mercado. Ele sentia, e ela tinha certeza de que ele sentia algo por ela. *Deusa, agora não, Calla.*

— Por quê? — Quinn perguntou. — Por que levar Calla?

— Ela pode ter informações. — sugeriu Jax.

A carranca de Magnus se aprofundou. — Calla, você se lembra de algo sobre os Edull ou Bari Batu? Algo que eles possam querer impedir você de compartilhar?

Ela balançou a cabeça. — Eu te disse, as únicas coisas que lembro são as celas e estar acorrentada em um laboratório. Não faço ideia de onde Bari Batu está.

Magnus assentiu. — Calla também viu uma jovem Rellan no transporte que foi enviado para coletar Calla dos mercenários.

Todos os olhos na sala giraram em direção a Calla. Lutando contra os nervos, ela se adiantou. Como se sentisse seu desconforto, Zaden se aproximou dela.

— A menina tinha cerca de quatro ou cinco anos. Ela tinha olhos castanhos, cabelos pretos e o padrão facial único de Rellan. — Ela acariciou o ouro no lado de seu próprio rosto. — Ela deve ter sido arrebatada como eu.

— Possivelmente a garota foi mantida com outros humanos. — disse Zaden.

— Malditos thraxianos. — disse Quinn. — Pegando crianças. Bastardos.

— Temos que encontrá-la. — insistiu Calla.

— Nós vamos. — Havia aço na voz de Magnus.

Calla relaxou um pouco. O tom do imperador não deixou espaço para dúvidas.

— O mercenário não tem outras informações — disse Jax. — Vamos continuar a interrogá-lo, mas acho que não conseguiremos mais nada útil.

— Jax. — disse Magnus. — Entre em contato com Zhim e Ryan.

Franzindo o cenho, Calla olhou para Ever. — Quem são eles?

— Comerciantes da informação. — respondeu Ever. — Ryan é uma hacker de computador da Terra e Zhim é o principal comerciante de informações da cidade há anos. Eles conhecem tudo e todos em Kor Magna e, se não, podem descobrir.

— Vou pedir para eles rastrearem o transporte preto. — acrescentou Jax. — Alguém deve ter visto.

Magnus assentiu. — Nós não vamos deixar essa criança sofrer. — Ele olhou para os cyborgs reunidos. — É tudo por agora.

Houve um rumor baixo de conversa enquanto os cyborgs saíam da sala.

Calla se despediu das mulheres e foi para o corredor. Ela não estava com disposição para socializar. Tudo o que ela conseguia pensar era naquela garotinha. Quem a estava alimentando? Quem estava cuidando dela? Torcendo as mãos, Calla continuou sem rumo pelo corredor.

Quando ela virou uma esquina, ela se deparou com um corpo duro. Zaden.

Ele tocou seus ombros, firmando-a. — Calla. Você está chateada.

Ela assentiu. — Não consigo parar de pensar nessa garotinha.

Calla precisava de algo para aliviar a tensão interior, ela precisava de algum conforto. Sem pensar, ela deu um passo à frente e pressionou a bochecha no peito firme de Zaden.

Por um segundo, ela sentiu os músculos dele se enrijecerem e teve certeza de que ele a afastaria. Mas então um de seus braços se fechou em volta dela.

Eles ficaram ali em silêncio por um longo momento, e ela ouviu a batida constante de seu coração. Isso acalmou seus nervos irregulares.

Então ele agarrou a mão dela. — Venha.

— Para onde?

— Você vai ver.

Ela gostou de segurar a mão dele e apertou os dedos dele.

Com uma leve carranca, ele olhou para as mãos unidas. — Isso é desconfortável?

— Não. O oposto. Eu gosto disso.

— Eu vejo Magnus e Ever de mãos dadas assim.

Calla sorriu para o cyborg. Ela o seguiu pelas voltas e reviravoltas da Casa de Rone, e então ele a levou a uma sala grande.

Ela ofegou, observando os bancos compridos, os balcões impecáveis. *A cozinha*. O jantar terminou e não havia ninguém no espaço.

— Você disse que cozinhava. — disse Zaden.

Ela girou. — Eu posso cozinhar aqui?

Ele assentiu. — Eu confirmei com o chefe de cozinha.

Oh . Ela abriu os armários, explorando todos os ingredientes. Ela puxou as coisas, sem saber o que era tudo. Então ela olhou para os fornos elegantes embutidos na parede. — Eu não sei como trabalhar isso.

— Eu posso acessar os sistemas e ajudá-la.

Ela sorriu. — Você pode ser meu chef assistente.

Calla encontrou algumas tigelas e começou a fazer alguns testes de sabor. Os sabores eram como um idioma para ela - doce, salgado, azedo, amargo. Ela misturou algumas coisas. Ela encontrou substitutos para a maioria dos ingredientes com os quais estava acostumada a trabalhar, além de algumas frutas suculentas e gordas.

Ela ia fazer sua sobremesa favorita de Rellan*, berrymarma* .

Zaden ficou ao lado dela, imóvel e paciente. Ninguém acusaria esses cyborgs de serem muito falantes.

— Seu poder...— Ela olhou para ele. — É incrível.

Zaden ficou em silêncio por um longo tempo, depois falou. — Eu matei minha mãe e irmão.

O coração de Calla se apertou e ela ofegou. — O que aconteceu?

— Eu tinha cinco anos. — O tom de Zaden era quase robótico. — Meu poder era muito forte.

Pobre garotinho. Imagine ser uma criança sem controle sobre o poder com o qual nasceu e ferir aqueles que mais amava. A simpatia a inundou e sua colher caiu no banco.

— Depois, meu pai me enviou para um centro. — Zaden tocou o implante no lado da cabeça. — Este foi meu primeiro implante. Para controlar meu poder telecinético.

Ela notou o metal aninhado em seus cabelos escuros. — Você tinha que ficar no centro?

Ele assentiu. — Eu era muito perigoso, e eles eram os únicos no meu mundo que podiam me oferecer o treinamento que eu precisava.

Ela queria largar tudo e abraçá-lo. — Eles ajudaram você?

Um músculo pulsou em sua mandíbula. — Eu aprendi a me controlar.

Algo na maneira como ele disse que fez o medo deslizar em suas veias. — Como? — Seu coração estava batendo forte no peito.

— Treinamento intenso. Mais procedimentos para adicionar implantes de controle adicionais. — Ele fez uma pausa. — Protocolos de dor.

Ela mordeu o lábio. Ela sabia ler entre as palavras dele. Eles o torturaram. Uma necessidade protetora correu em sua garganta. Se essas pessoas estivessem aqui agora, ela as atacaria.

Zaden estava rígido e tenso. Ela respirou fundo e se concentrou nele. — Como você acabou aqui? Na Casa de Rone?

Seus olhos prateados pareciam agitar-se. — Eu era considerado muito perigoso e, como já disse antes, fui exilado do meu planeta.

Ela engoliu em seco. — E quanto ao seu pai?

— Eu não o vejo desde os cinco anos. Desde que entrei no centro.

Creta. O pai de Zaden o abandonou. Calla sentiu muita dor por Zaden. Sua família não era perfeita, mas ela sabia que eles se importavam com ela, mesmo quando ela não atendia às suas elevadas expectativas.

Com as mãos ainda cobertas de massa, ela abraçou Zaden e segurou-a. Ela não disse nada. Não havia palavras para melhorar sua infância ou sua dor desaparecer. Tudo o que ela podia fazer era oferecer-lhe algum conforto.

— Ouvi falar da Casa de Rone, então vim aqui e Magnus me levou. — disse Zaden.

Magnus estava recebendo alguns *marmas.*

E Zaden também.

O garotinho que nunca teve a chance de cozinhar com sua família, para desfrutar dos prazeres simples.

Recuando, Calla começou a esfaquear as mãos na massa. Não era o pai de Zaden, mas era um substituto decente para sua frustração.

***

Zaden observou o movimento das mãos de Calla. Ela parecia estar expressando suas emoções ao cozinhar.

Mas enquanto ela continuava, ele a viu começar a relaxar.

— Minha família é muito talentosa. — disse Calla.

Zaden detectou algo em sua voz, mas ele não conseguia entender o que era.

— Meu pai e minha mãe são muito bem-sucedidos em nosso planeta. Como é meu irmão.

— E você?

— Eu sou invisível. Eu nunca fui boa o suficiente para eles me prestarem muita atenção. Eu não era inteligente o suficiente, talentosa o suficiente.

O olhar de Zaden caiu em suas mãos. Eles estavam revestidas em pó branco e habilmente rolando a massa carregada de bagas em pequenas bolas que ela formou em formas complexas em uma bandeja.

— Eu acho que você tem muitas habilidades valiosas. — disse ele.

Ela lançou-lhe um olhar ilegível. — Eles precisam entrar no forno. Calor médio.

Ele foi para um dos fornos e o abriu, programando-o para cozinhar. Ela deslizou a bandeja para dentro.

— Eu vou fazer outro lote. — Ela inclinou a cabeça. — Você pode me ajudar.

Ele piscou. — Eu não sei como.

— Lave as mãos, cyborg.

Zaden fez como solicitado e logo estava de pé ombro a ombro com Calla, seguindo suas instruções. Ela mostrou a ele como amassar a massa.

Eles começaram a moldar as pequenas bolhas na bandeja. Enquanto os Calla eram perfeitos, os dele eram deformados.

Ela sorriu, seu rosto relaxado. Vários fios pretos de cabelo escaparam de seu laço.

Enquanto eles continuavam a trabalhar a massa, seus dedos se entrelaçaram e Zaden sentiu um pulso de algo baixo em seu intestino. Ele queria Calla. Queria tocá-la, ouvi-la suspirar o nome dele, vê-la sorrir para ele. Só para ele.

Eles se viraram um para o outro e ela pressionou as mãos no peito dele, deixando marcas de massa nas mãos na camisa dele.

— Zaden...

Ele a puxou para mais perto. Então ele a beijou.

Ele ainda não era hábil nisso, mas seguiu seus instintos. A cabeça dela caiu para trás, a boca se movendo sob a dele. Suas línguas emaranhadas. Ela tinha um sabor azedo e fresco, um sabor que ele sempre associava a ela.

— Calla. — ele gemeu.

Ela se aproximou e ele girou, levantando-a sobre o balcão. Ela estendeu a mão, pegando uma baga. Ela apertou nos lábios dele.

Ele beliscou, lambendo o suco doce e os dedos dela. Ela continuou alimentando-o, e ele chupou as frutas. Então seus lábios estavam nos dele, beijando-o novamente.

Ele afastou as pernas dela, precisando se aproximar. Seus corpos pressionados juntos. Ela gerou tanta necessidade de fome nele.

— Zaden, eu quero muito você. — Palavras roucas.

— Eu não sei o que fazer.

— Me toque.

Ele deslizou a mão pelo braço dela. Ela a pegou com a outra mão e a moveu para pressioná-la sobre um peito macio. Ele a moldou, acariciando e tocando, completamente fascinado por ela.

Ela soltou um pequeno suspiro. — *Sim…*

— Isso lhe traz prazer?

— Muito. — Então ela agarrou a barra da camisa e levantou a roupa sobre a cabeça.

Ele olhou para os seios nus dela. Eles não eram grandes, mas também não eram pequenos. Perfeitamente formados e coberto com mamilos escuros.

Ela segurou um seio. — Coloque sua boca aqui.

Ele piscou, então rapidamente abaixou a cabeça, chupando um mamilo na boca. *Drak*. Seu pau estava duro e latejante. Ele lambeu e chupou, observando-a e ouvindo seus pequenos gritos para ver quanta pressão ela gostava.

Seu pau estava tão duro que doía.

— Zaden, você já esteve com uma mulher? — ela perguntou.

— Não.

Ela lambeu os lábios. — OK.

Isso era um problema para ela? — Mas eu li textos sobre procriação.

Os lábios dela se ergueram. — Não é o mesmo que experimentar. Posso te tocar? — ela perguntou educadamente.

— Calla. — Ele levantou a cabeça, pressionando a testa na dela. — Lembre-se, eu sou perigoso. Perder meu controle… é uma má ideia.

— Eu sei. Se isso o deixa desconfortável…

Ele gemeu. — Eu quero você. Eu quero tentar.

As mãos dela deslizaram sob a camisa dele, moldando contra o peito dele. As unhas dela arranharam a pele dele. Ele a beijou novamente, perdido em todas as sensações.

Então ele sentiu os dedos dela na cintura de suas calças, abrindo o fecho.

— Eu vou tocar em você aqui. — ela murmurou. — Você está duro?

— Muito. É doloroso.

— Eu posso melhorar. — Sua mão deslizou para dentro, dedos delgados enrolando em torno de seu pau.

Ele empurrou contra ela e um gemido rasgou sua garganta. *Drak*. A sensação… ele mal conseguia pensar.

Ela o acariciou e, de repente, a louça bateu nos armários.

— Calla. — Ofegando, ele levantou a cabeça. Pratos e tigelas chocalhavam juntos nas prateleiras. — Eu não posso perder meu controle. Aqui não.

— OK. — A mão dela se afastou, os dedos roçando o abdômen dele.

Ele respirou fundo. — Eu quero dar prazer a você.

Ela se virou e ele olhou para o peito nu dela. Ela era tão linda.

— Você pode me tocar. Como você quiser, Zaden.

Ela era um presente que ele nunca esperava. Ele moveu a mão pela perna dela, levantando a saia. Ele gostou da suavidade de sua pele marrom. Ele deslizou a mão sob a saia dela, depois a tocou entre as pernas.

— Sim. — Ela estremeceu. — Ali.

Uma pequena tira de roupa interior cobria o calor dela. Ele moveu os dedos sob a calcinha dela, os dedos acariciando através de dobras escorregadias. Ele gemeu, fascinado pela sensação dela. Ela gemeu, seu corpo se movendo inquieto. O aroma exuberante de sua excitação encheu o ar.

— Deslize um dedo dentro de mim, Zaden.

Ele obedeceu, sentindo o aperto quente do corpo dela. Ele colocou o dedo dentro e fora dela. Os gritos dela cresceram, os dedos cravando nos

ombros dele. Ele se inclinou para frente, beijando-a novamente enquanto a acariciava.

Ela o beijou de volta descontroladamente, seus quadris se movendo contra a mão dele. Então ela arrancou a boca da dele. — Zaden, eu vou gozar.

— Encontre o seu prazer, Calla. Mostre-me.

Suas costas arquearam e ela gritou. O nome dele era um sussurro ofegante nos lábios dela. Assistir o orgasmo de Calla foi uma das melhores coisas que ele já tinha visto.

Ela caiu no balcão, ofegando baixinho. Um timer do forno tocou, quebrando o silêncio.

Ela sorriu, um sorriso preguiçoso e feminino. — Esse foi um bom momento.

— Cyborgs são conhecidos por seu tempo preciso.

Ela riu. — Você acabou de fazer uma piada?

— Tenho tanta experiência com piadas quanto com sexo.

— Bem, parece que você tem um pouco mais de experiência com os dois agora.

Zaden tirou a mão da calcinha e olhou para o rosto corado e sorridente. Ela escorregou do banco, abaixando a saia e colocando a blusa de volta. Depois de lavar as mãos, ela correu e puxou a bandeja de guloseimas do forno.

Depois de colocá-los no chão, ela se virou. — Obrigada, Zaden.

— Obrigado, Calla. Eu tive um grande prazer em dar prazer a você.

Suas bochechas ficaram rosadas. Era interessante que, quando as mãos dele estavam sobre ela, ela não teve problemas para dizer onde queria ser tocada, mas ainda assim ficou tímida.

— Estou realmente emocionada que você queira experimentar isso comigo. — disse ela.

A realidade estava se intrometendo novamente agora que sua cabeça não estava nublada por ela. Qualquer contato com ela era perigoso. Ele nunca, nunca iria querer deixar seu controle escapar e machucá-la.

Ela organizou as sobremesas que havia feito em um prato. Então ela se virou e respirou fundo. — Zaden, eu estava pensando, e tive uma ideia. Sobre encontrar a garota.

Ele franziu o cenho para ela. — O que?

Ela colocou os ombros para trás. — Os mercenários foram contratados para me arrebatar. — Ela fez uma pausa. — Se eu me tornar um alvo fácil, eles podem tentar novamente. Então teremos a chance de encontrar a garota.

Zaden ficou rígido. Ele não podia acreditar no que ela estava dizendo. — Você quer ser *isca.*

— Se isso nos ajudar a encontrá-la…

— Não.

— Sim.

Zaden bateu com o punho no balcão. — Não!

CAPITULO CINCO

— Eu não posso ficar aqui protegida e segura enquanto uma criança está lá fora. Em perigo. — A voz de Calla tremeu.

Zaden estava lá, como uma estátua feita da pedra mais dura.

Ela se aproximou e pressionou as mãos no peito dele. — Por favor. Ajude-me.

Seu grande corpo tremia.

— Eu nunca fui especial ou corajosa...

— Pare de falar sobre você assim. Você é forte e corajosa. Você sobreviveu ao seu sequestro.

— Eu não fiz nada de especial.

— Calla, a bravura nem sempre é alta ou óbvia. Outros cederam sob os thraxianos e os edull, mas você não.

Ela respirou fundo. Ela não tinha olhado assim antes. — Eu preciso ajudar essa garotinha.

De repente, Cat apareceu e soltou um grito alto.

Assustada, Calla estremeceu. Zaden fez um som irritado.

— Você é uma ameaça. — disse ele ao animal.

Cat olhou para ele.

Calla pegou um petisco do balcão e se ajoelhou para entregá-lo ao felino. Cat ronronou.

— Vamos conversar com Jax. — disse Zaden.

A felicidade explodiu nela e ela pulou. — Obrigado, Zaden.

Ele pegou a mão dela e a puxou para fora da cozinha.

— Meus *marmas*...

— Eles vão ficar bem.

Cat os seguiu até o escritório de Jax. Zaden bateu, e a voz de Jax pediu que eles entrassem.

O segundo da Casa de Rone estava sentado atrás de sua mesa, com uma tela de comparação e brilhando. Ele sentou-se. — Vocês dois são uma distração bem-vinda do agendamento de remessas de armas e treinamento de gladiadores. — Ele olhou para eles. — Tudo certo?

Calla assentiu. — Eu tive uma ideia. — Ela respirou fundo. — Quero que você me use para atrair esses mercenários. Então, temos a chance de encontrar a garota.

Ela sentiu algo de Zaden e olhou para ele. Sua testa estava franzida, mas ele não disse nada. Jax estava estudando Zaden com olhos estreitados.

Calla se endireitou, pronta para Jax dizer não.

— Não é uma má idéia. — disse o cyborg.

Ela piscou. — Realmente?

Jax bateu os dedos no braço da cadeira. — Mas isso implica um alto risco.

Ela olhou para Zaden novamente. Sua mandíbula estava apertada e ele ainda permaneceu em silêncio. Ela assentiu. — Eu sei, mas vale a pena encontrá-la.

— Precisamos planejar tudo. Cada pequeno detalhe. — Jax focou em Zaden. — Vamos considerar todas as contingências.

Zaden deu um único aceno de cabeça. — Quero todos os nossos cyborgs de elite nesta missão. Temos que garantir a segurança de Calla.

O calor a encheu. Ele estava preocupado com ela. Depois de tanto tempo sem ninguém se importar, sua preocupação criou uma enorme sensação de inchaço em seu peito.

— Claro. — Jax concordou. — Nós a manteremos segura. Vamos precisar de uma boa localização defensável.

Zaden soltou um suspiro. — Eu estive pensando sobre isso. As ruínas do templo no centro do bairro antigo funcionariam.

— Onde? — Calla perguntou.

— São as ruínas de um templo antigo. — disse Jax. — É na parte mais antiga de Kor Magna. — Ele assentiu. — É uma boa escolha, Zaden. Tem bons pontos de vista. Eu vou falar com Magnus.

— Podemos fazer isso em breve? — Calla não podia suportar o pensamento daquela garota sozinha e em perigo.

— Quando estivermos prontos. — Havia um olhar letal nos olhos de Zaden.

Então ele se virou e saiu sem olhar para ela.

Jax suspirou e Calla mordeu o lábio.

— Ele está com raiva de mim.

— Sim. — Cat pulou na mesa de Jax e ele a acariciou entre as orelhas dela. — Dê um tempo para ele, Calla. É difícil ver alguém que você deseja proteger se colocar em perigo. — Um leve sorriso. — Acredite em mim, eu sei.

Sim, Quinn era uma lutadora formidável que não se coíbe de lutar.

— Ele vai voltar. — disse Jax.

Mas a barriga de Calla estava agitada.

— Zaden é leal... — Jax continuou. — Mas eu suspeito que ele esteja lidando com emoções que são novas para ele. Quando uma mulher aparece em sua vida e a explode em pedacinhos, pode ser difícil lidar com isso.

Ela inclinou a cabeça. — Você parece bem com Quinn.

Agora Jax sorriu. — Eu não fiz no começo. Eu precisava que ela me mostrasse como amá-la. Eu cometi muitos erros. Então, não desista de Zaden.

Calla se endireitou. Zaden era *seu* cyborg. — Eu não vou.

Jax assentiu. — Bom.

Ela deu um tapinha na cabeça de Cat e saiu. Ela tinha seus *marmas* para resgatar e entregar. Talvez eles ajudassem a amenizar a raiva de Zaden.

***

Zaden tinha perdido a conta de quantos *chin-ups* ele tinha feito. Ele continuou se levantando para cima e para baixo na barra presa ao teto do seu quarto. Sua pele estava coberta de um brilho de suor, e ele continuava esperando que a exaustão ajudasse a esvaziar sua mente.

A emoção desconhecida em seu corpo não era agradável.

Ele soltou várias respirações enquanto continuava se movendo, seus músculos tensos. *Cima baixo. Cima baixo.*

Então ele a cheirou.

Ele fez uma pausa no mergulho por um segundo, depois começou a levantar o queixo novamente.

Calla parou na frente dele.

— Zaden…

— Está tarde. Você deveria dormir.

— Eu quero conversar…

— Agora não, Calla.

— Sinto muito, você está chateado.

— Eu não estou chateado. Não sinto, lembre-se.

Houve um lampejo de algo em seu rosto. — Não minta para mim.

O silêncio caiu entre eles e ele ergueu o queixo até a barra novamente.

— Você não sentiu nada na cozinha? — ela perguntou. — Quando eu te toquei? Quando você me tocou?

Zaden soltou a barra e se levantou.

Ela olhou para ele, erguendo o queixo. Ele avançou e ela recuou, arregalando os olhos. Ela segurava um pequeno embrulho nas mãos, mas ele caiu no chão.

— Eu sinto demais. — As palavras pareciam arrancadas dele. — A última vez que aconteceu, matei minha mãe e meu irmão.

Os lábios de Calla tremeram. — Sinto muito, Zaden. Mas você não é mais criança.

Ele continuou se movendo em direção a ela, e as costas de seus joelhos atingiram sua cama. Ela se sentou.

Ele se inclinou sobre ela. — Você me faz sentir fora de controle. Você me deixa agitado por dentro.

— Eu não tenho medo de você. — Ela levantou os dedos e tocou sua bochecha.

Como ela poderia olhar para ele assim? — Você deveria ter.

— Você tem sido minha rocha, meu guarda, meu escudo desde o momento em que te conheci. Agora, preciso que você me ajude a encontrar essa garota.

Zaden estremeceu. Ele ouviu o apelo na voz dela e ficou impotente contra ela. — Calla…

— Por favor, Zaden.

— *Drak,* eu vou.

Ela segurou o rosto dele. — Obrigada.

Ele deixou cair a testa na dela.

— Fique comigo. — ela sussurrou.

Com um gemido, ele pressionou seus lábios nos dela. Ele a beijou, derramando todas as suas emoções, as que ele não podia mais conter, nela.

Calla o beijou de volta ansiosamente, sua paixão doce e sincera.

Zaden a empurrou de volta na cama. — Eu quero te ver.

Ela assentiu e ele usou a telecinesia para começar a tirar as roupas.

Quando os botões escaparam dos buracos, ela ofegou. Seus lábios se separaram e sua camisa se abriu sob seu comando, mostrando seus belos seios para ele.

Em seguida, sua saia se abriu e começou a deslizar pelas pernas. Ele viu a pele lisa ser descoberta.

Então, finalmente, ela estava nua.

Ele bebeu em sua pele corada e belas curvas. — Tão suave e tão bonita, Calla.

Ela levou a mão à garganta. — Eu sou comum…

Zaden se ajoelhou na cama, passando as mãos pelos lados dela. — Não diga isso. Nunca fui tentado por nenhuma mulher antes.

Os dentes dela afundaram no lábio inferior.

— Só você. — ele murmurou.

Ele fechou as mãos sobre os seios dela e ela observou os dedos dele batendo neles. Ele os acariciou, brincando com seus belos mamilos. Ela começou a se mover sob seu toque, fazendo sons pequenos e roucos. Ele deixou os dedos deslizarem pela barriga macia e depois abaixar.

— Eu baixei algumas informações adicionais sobre sexo. — ele disse a ela.

— Oh?

Ele afastou as pernas dela e se inclinou para beijá-la novamente. Enquanto sua língua dançava com a dela, ele acariciou suas coxas e a pele macia e macia que ele encontrou lá.

— Acredito que recebi algumas instruções muito úteis. — Ele beijou o topo de um seio.

— Zaden. — Seu nome se transformou em um gemido.

— Eu sempre cuidarei de você, Calla. Eu queria verificar se os curandeiros lhe deram um implante contraceptivo.

— Sim.

Ele levou um tempo pressionando beijos na barriga dela. Então sua boca se moveu mais baixo. Ela cheirava tão bem. Melhor do que seus doces recém-assados. A fome era um fogo em seu intestino e, mais do que tudo, ele precisava saber o gosto dela.

— Os homens gostam de lamber suas amantes aqui, onde são doces e molhadas.

Ela deu um gemido trêmulo. — Por favor.

Quando ele lambeu suas dobras doces, seu gosto - picante e rico - explodiu em sua boca. Ela começou a fazer sons sensuais, empurrando contra sua língua.

— Você sente como estou molhada? — ela ofegou.

— Sim. — Ele mordeu sua coxa.

— Você me faz assim. Tão quente e dolorida.

Ele rosnou e a lambeu com mais força.

— Zaden, eu vou...

— Ainda não. — Ele deslizou um dedo dentro de sua carne lisa.

Ela se contorceu, seus gritos roucos ficando mais altos. Ele fez isso, a fez sentir toda essa sensação deliciosa.

Ele acrescentou outro dedo. Ela estava tão apertada.

— Oh. Seus dedos são tão grandes.

— Meu pênis é muito maior.

Ela emitiu um som sufocado, apertando o corpo nos dedos dele. — Pau. Diga pau.

— Meu pau. — Ele sentiu como se seu intestino estivesse pegando fogo. — Eu quero meu pau dentro de você.

— Sim.

Ele continuou mergulhando os dedos dentro dela, lambendo-a. — Mas primeiro, eu quero que você venha. Venha apenas para mim, doce Calla.

As mãos dela deslizaram pelos cabelos dele, puxando com força. Um momento depois, ela gritou, seu corpo ficando rígido. Então, ela começou a tremer e a gritar. O prazer que cruzava seu rosto era tão inebriante quanto seu gosto.

Zaden se endireitou e seu olhar fundido se moveu para ele.

— Tire a roupa. — ela exigiu com uma voz ofegante.

Ele se levantou e arrancou as roupas. Sua necessidade era uma coisa selvagem e faminta. Faminto por essa mulher que rompeu seus escudos e o fez querer que coisas que ele nunca sonhara poder ser dele.

CAPITULO SEIS

A vontade e o desejo torceram loucamente dentro de Calla.

Ela viu as mesmas emoções refletidas nos olhos de Zaden. Seu olhar de prata derretido se moveu por todo o corpo dela, deixando-a sentindo queimada.

Ela o puxou para mais perto e tocou seu peito. Seu longo pau subiu orgulhosamente para seus abdominais duros.

Sorrindo, ela estendeu a mão e acariciou-o. Ele gemeu e ela viu o pau dele deslizar por entre os dedos. As mãos dele agarraram seus quadris, apertando ali.

— Você é tão bonito. — disse ela.

Ele fez um barulho de dor. — Você é a linda.

Seu pau pulsou em suas mãos e ela viu todos os músculos do corpo dele estavam cerrados e abaulados.

— Isso... é tão bom.

— Eu quero fazer você se sentir bem.

Ela o puxou para sentar na beira da cama, e seu corpo grande e forte tremia. Este cyborg forte e poderoso tremia por *ela.* Precisava *dela*.

Isso a deixou sem fôlego. Ela montou nele.

— Calla... — As mãos dele apertaram seus quadris.

— Eu estou bem aqui. — Ela o beijou novamente.

Os dedos dele cravaram na pele dela. — Meu controle…

— Você não precisa comigo. Apenas sinta. Aprecie.

Seu rosto não mudou, mas seus dedos amassaram sua pele.

Ela lambeu a orelha dele, beliscando o lóbulo. — Eu quero você dentro de mim.

— Eu quero isso também. — Sua voz era mais profunda, aproximando-se de gutural.

Calla pressionou as mãos nos ombros largos dele, os dedos acariciando o metal em seu pescoço. Então ela levantou os quadris, alcançando entre eles para alinhar seu pau com onde ela estava molhada e necessitada.

Ele respirou fundo.

Ela balançou os quadris, e a cabeça de seu pau esfregou através de suas dobras. Seus gemidos combinados encheram o ar.

— Você se sente tão bem. — Seu tom era severo.

Seus olhares se encontraram e ela afundou lentamente nele. Quando seu comprimento duro deslizou dentro dela, um gemido áspero retumbou dele. Oh, ele a esticava.

— Zaden, você está bem? — ela perguntou sem fôlego.

— Sim. Melhor do que bem.

Ela continuou empurrando para baixo, seu corpo se esticando para pegá-lo.

Um grito áspero saiu de seus lábios. Seu aperto aumentou e ele a golpeou, exatamente quando ele levantou os quadris.

Calla gritou, de repente tão cheia de Zaden. Ela respirou através da dor do prazer.

Ele congelou. Ele estava alojado profundamente dentro dela, sua respiração dura.

— Zaden? — ela ofegou.

— Eu machuquei você.

— Não. — Ela segurou o rosto dele e o fez olhar para ela. — Estou bem. Eu só precisava de alguns segundos para me ajustar. — Ela mordeu os lábios dele. — Você se sente tão bem, *dara.*

— *Dara*? O que isso significa?

— Um nome carinhoso. Um que você usaria para alguém de quem gosta, como uma amante.

— Eu sou sua amante.

Ela moveu os quadris. — Sim você é.

— Você se sente tão quente, tão apertada. — Os dedos dele flexionaram contra os quadris dela.

Calla se levantou, sentindo-se sexy, desejada. Ela desceu. — Você está demorando tanto, Zaden. Você me enche.

— Eu...

Ela levantou um pouco os quadris e depois afundou novamente. — Faça o que quiser, Zaden. Sou sua.

Ele gemeu e passou os braços em volta dela. Ele a puxou para cima, abaixou a cabeça e puxou um mamilo entre os lábios.

Ela gritou, arqueando para trás. Calor acumulou baixo em sua barriga.

— Suas habilidades?— ela perguntou.

— Elas estão… quietas. — As mãos dele desceram, afundando nas curvas da bunda dela. — Por favor, Calla. Eu preciso… — Ele balançou os quadris para cima.

— Oh, pela Deusa. — Ela estava cheia dele, cheia de Zaden. Seu rosto parecia tão intenso, seu foco apenas nela.

— Calla, isso faz de você *minha*. Não deixarei que outro homem a tenha. — Ele assumiu, seguindo os instintos que os levavam.

Ela amava a posse em sua voz. Ele a moveu para cima e para baixo em seu pau até que ela estava cega com a necessidade de gozar. O desejo a empurrava, a promessa de ainda mais prazer no horizonte.

— Sim, Zaden!

— Você é minha.

— *Sua.*

Ele apertou seu corpo contra o dela com cada impulso de seus quadris.

Um segundo depois, Calla sentiu como se um raio a atingisse. O prazer a atravessou e ela gritou o nome dele. Ele a segurou enquanto seu corpo estremecia, seus gritos de lamento enchendo a sala.

Quando ela finalmente pôde pensar novamente, seu coração estava batendo forte e o prazer ainda era como uma droga em suas veias. Ela levantou a cabeça e viu o rosto tenso de Zaden. Seu corpo estava parado, seu pau duro alojado profundamente, e ele estava vibrando com tensão.

— Você esta bem? — A voz dele estava tensa.

— Mais do que tudo bem. — Ela passou a mão pelo cabelo sedoso dele.

Ele ainda não tinha vindo ainda. Ela queria vê-lo gozar. Ela levantou os quadris e começou a montá-lo novamente. Ela estava tão lisa e sensível, e ele deslizou facilmente dentro dela.

Ele rangeu os dentes. — Calla...

— Eu te amo profundamente dentro de mim, Zaden. Venha, meu lindo cyborg. Venha duro.

Seus braços se apertaram ao redor dela e, com um rugido, seus quadris se contraíram.

Calla não conseguia desviar o olhar. Ela assistiu o prazer contorcer seu rosto e sentiu ele jorrar dentro dela. Seu pau pulsou, seu corpo forte tremia.

Finalmente, eles desabaram um contra o outro. Ela apertou o rosto no pescoço dele e acariciou as mãos pelas costas dele.

Então ela olhou para a cama e chiou. Ela piscou os olhos rapidamente. Eles estavam pairando perto da cama.

— Zaden.

— Desculpa. — Ele os abaixou até as cobertas tocarem suas costas.

Ela o abraçou com força. — Como foi?

Ele levantou o rosto dela. — Foi tudo.

Era uma boa resposta. Sua barriga tremia. Ela estava caindo tão forte e rápido por este cyborg.

— É melhor eu limpar. — Ela sentiu a viscosidade da liberação unida deslizando pelas coxas.

— Então você vai voltar para o seu quarto?

Sua barriga ficou dura e, de repente, ela se sentiu terrivelmente nua. Ele queria que ela fosse embora? O dano era uma picada aguda no peito.

Então ela parou, observando seu rosto tão vazio. *Você é tão estúpida, Calla.* Ela tinha que se lembrar de que ele nunca tinha feito isso antes, nunca esteve com uma mulher antes.

— Não. — disse ela com firmeza. — Nós vamos dormir juntos na sua cama.

Ele considerou isso por um segundo. — Gostaria disso.

Ela relaxou e sorriu. Quando ela se levantou, ela o sentiu observando-a. Foi quando ela viu Cat sentada no meio da sala.

Com um suspiro, Calla pegou um cobertor na cama e o envolveu. Zaden sentou-se e fez uma careta para o animal.

— Quando ela veio aqui? — Calla perguntou.

— Eu não faço ideia. Mas ela é muito boa em ir a lugares que não deveria.

Cat abaixou a cabeça e Calla viu o que o felino estava fazendo. — Não, eles não eram para você!

Calla se agachou, tentando manter o cobertor cobrindo seu corpo nu. Cat estava comendo os *marmas* que Calla trouxera para Zaden.

— Isso era para Zaden. — disse Calla, exasperada.

Cat apenas miou.

Então Calla ouviu um ruído baixo. Ela se endireitou e viu que Zaden estava rindo. *Rindo.*

Balançando a cabeça, ela expulsou Cat da sala e foi para o banheiro.

— Calla?

Ela olhou para trás. — Sim?

— Podemos fazer sexo de novo?

Ela sorriu. — Ai sim. Mas o que estamos fazendo não é sexo, Zaden.

As sobrancelhas dele se juntaram. — Não é?

— Estamos fazendo amor.

Ele fez uma pausa. — Eu nunca amei ninguém. Ou fui amado.

Ela sentiu como se os músculos do peito estivessem se contraindo e se expandindo. — Não se preocupe, eu vou te mostrar.

Depois de se limpar, voltou e se deitou na cama com Zaden. Ela se aconchegou em seu corpo duro. Deusa, todo ele era firme. Ela passou os dedos sobre o peito dele, acariciando pele e metal.

Ele imitou sua exploração, suas mãos segurando seus seios. Então seus dedos roçaram a pele flexível e metálica no centro do peito dela. Ela parou.

— Incomoda você? — ele perguntou.

— Ainda não estou acostumada. É estranho saber que meu coração é mecânico.

— Você ainda é você. Você pensa, sente. E você está viva.

Ela beijou o peito dele. — Verdade.

— E isso faz você um pouco como eu.

Ela olhou para ele. — Isso significa que eu sou um cyborg.

Os lábios dele se curvaram. — Uma cyborg muito bonita, macia e com cheiro doce.

Rindo, ela deslizou pelo corpo dele para beijá-lo.

Durante as longas horas da noite, eles tocaram muito e acariciaram, e descobriram o que o outro mais gostava. Ela soube que Zaden tinha um ponto delicado do lado dele, e ele adorou quando ela colocou a boca na pele dele.

E ele ficou obcecado em afundar nela, aparentemente bêbado com o gosto dela. Ela veio tantas vezes que finalmente teve que banir a boca dele entre as pernas.

Por enquanto, de qualquer forma.

A manhã chegou cedo demais.

Calla acordou e encontrou seu cyborg debruçado sobre ela. Ele deu um beijo na têmpora dela.

Ela sorriu sonolenta, depois percebeu que ele já estava vestido. Ele usava uma camisa preta justa com as calças de couro. A camisa era tão apertada que ela podia ver os sulcos dos abdominais dele. Ele estava delicioso.

Mas não havia sinal de seu amante risonho. Em vez disso, seu cyborg sério estava de volta.

Ela sentou-se de repente, seu cérebro finalmente alcançando. — Está na hora?

Ele assentiu e sentou-se ao lado dela na cama. — Você não precisa fazer isso.

Ela apertou os lençóis. — Eu preciso.

Ele estendeu a mão e acariciou uma mecha de seu cabelo, colocando um cacho atrás da orelha. — Eu sabia que você diria isso. Eu tenho algo para você.

Ele levantou um pequeno objeto circular. Assim que seus dedos se fixaram no aperto, as lâminas queimaram acima dos dedos. Ela estremeceu. *Caramba*.

— Chama-se *nular*. É muito nítido, e Maxon só faz alguns deles todos os anos.

Ela virou. Ele se encaixava perfeitamente em sua mão menor e não era muito pesado.

— Quando você jogar, ele voltará para você. E é pequeno o suficiente para caber no seu bolso.

Calor encheu seu peito. Ele a estava protegendo. O seu guarda particular. — Obrigada, Zaden.

Seus dedos agarraram seu queixo e ele abaixou a cabeça, seu beijo longo e profundo.

Quando ele levantou a cabeça, ela estava sem fôlego. — Você está ficando muito bom em beijar.

— Bom. — Mas seu rosto ficou sério. — Não se machuque, Calla. Se o fizer, não posso garantir o que farei em vingança.

***

Zaden ficou na escuridão, seu olhar nas ruínas do templo antigo.

Ele usava as vestes de um morador do deserto, com o capuz puxado sobre o rosto. Ele se encostou na parede de uma maneira completamente incomum, assim como outros visitantes da praça estavam fazendo.

O templo era feito da mesma pedra creme da Arena Kor Magna e da maioria dos edifícios da cidade. Mas essa ruína era muito mais antiga que a maioria da cidade, e a maior parte havia desmoronado há muito tempo.

Ninguém sabia quem o havia construído. Alguns especularam que talvez os Criadores - as antigas espécies avançadas que semearam a vida humanóide por toda a galáxia - fossem os construtores. A única coisa que Zaden sabia era que o templo era mais antigo do que qualquer outra coisa na cidade e agora funcionava como uma atração turística.

Ele lentamente olhou ao redor e viu Mace. O grande cyborg também estava disfarçado e vestido com roupas semelhantes às de Zaden.

Zaden sabia que os outros cyborgs estavam espalhados pela praça. Ele olhou para cima, estudando as linhas do telhado. Alguns estavam escondidos nas sombras. Acton, com certeza, que nem sempre se misturava bem.

As mãos de Zaden se apertaram. Na praça, havia muitos turistas e alguns habitantes locais. Ele viu Calla instantaneamente.

Sua cabeça estava descoberta, o sol brilhando em seus cabelos negros. Ela usava calça simples e uma camisa azul-clara.

Ele respirou fundo, a emoção o enchendo. Ele teve que se aprofundar para encontrar algum controle. Ele precisava de suas emoções contidas para poder ver com segurança essa missão. A segurança de Calla era sua principal prioridade.

Ela era dele para proteger.

Ele a tocou, a beijou, a agradou. Ele esteve dentro dela. Então agora ela era *dele*. Ele não a deixaria se machucar, mesmo que tivesse que liberar todo o poder de suas habilidades. Os que ele passou a vida inteira lutando para enjaular.

— Algum sinal dos mercenários? — A voz de Jax era um sussurro em seu fone de ouvido.

— Não. — respondeu Zaden.

— Não. — Mace.

— Nada. — disse Toren.

— Não. — A voz de Acton era fria e sem emoção.

Magnus também estava aqui, em algum lugar. Os nervos de Zaden se esticaram. Ele não estava acostumado a se sentir nervoso em uma

missão. Calla o abriu e deixou suas emoções livres, para o bem ou para o mal.

Ele olhou rapidamente para todas as pessoas na praça. Nada e ninguém pareciam fora de lugar. Havia vários turistas apontando para as ruínas, com interesse em seus rostos. Algumas crianças riam correndo pelos escombros.

Perto dali, uma mulher com uma barriga muito grávida andava devagar, com o rosto voltado para o sol.

Seu olhar voltou para Calla. Ela agora estava sentada nos restos quebrados de uma parede, com os cabelos dançando na brisa.

Perto, uma das crianças tropeçou. O garoto caiu e imediatamente começou a chorar. A mulher grávida estava parada perto da criança, mas em vez de ajudar, ela o rodeou, lançando-lhe um olhar irritado.

Zaden franziu a testa.

Não faz muito tempo, ele não teria notado nada de errado com as ações da mulher. Mas agora, ele havia passado tempo suficiente em torno de Ever - uma mãe protetora - para saber que isso não era normal. Ele prestou mais atenção aos trabalhadores da Casa de Rone e seus filhos também.

A mulher continuou andando, aproximando-se de Calla.

Zaden tocou sua orelha. — A mulher grávida...

Antes que ele terminasse sua frase, a mulher arrancou o roupão. Sua barriga não era uma barriga. Ela tinha um pequeno robô zangão contra ela. Ela jogou o dispositivo no ar. As asas do drone explodiram e subiram no ar.

Drak. Estava armado.

Zaden já estava se movendo. Ele observou as armas do drone girarem e ele começou a disparar rajadas de laser pela praça.

As pessoas gritavam e corriam.

Zaden saltou sobre um muro baixo de pedra. Ele viu a mulher atacar Calla. Um segundo depois, o corpo de Calla desabou, como se ela tivesse ficado desossada.

Energia perfurou Zaden. *O que a mulher fez com ela?*

Enquanto ele corria, esquivando-se do fogo do drone, a mulher levantou Calla e a jogou por cima do ombro. A mulher segurava um blaster na mão.

Zaden evitou outra rajada de laser e mergulhou atrás de algumas pedras. Choveu a laser ao redor dele, prendendo-o no lugar.

— Eu não posso chegar a Calla.

— Espere. — A voz de Mace veio através do fone de ouvido de Zaden.

Um segundo depois, uma sombra saltou sobre ele. Ele olhou para a luz do sol brilhando em prata. Era Mace, sua pele agora toda metálica, como um escudo de prata.

Zaden levantou-se e foi atrás de Mace. A pele semelhante ao escudo do homem desviou os lasers.

— Abaixe o drone. — Mace gritou.

Mace caiu de joelhos. Zaden deu dois passos e pressionou a bota nas costas do cyborg. Ele pulou no ar.

O drone passou por cima e ele o agarrou. Usando sua força aumentada, ele a puxou para baixo. Ele bateu no chão e bateu a máquina na terra. Emitiu um zumbido.

Zaden levantou-se e bateu a bota na arma. Ele continuou pisando até que todas as luzes do drone se apagassem.

Então ele olhou para cima. A mercenária estava correndo para o outro lado da praça, Calla pulando no ombro dela.

Por toda a praça, ele viu os cyborgs da Casa de Rone convergindo - Magnus, Jax, Acton, Toren.

Então, houve uma onda de barulho no alto.

Zaden olhou para cima, apertando o queixo. Várias figuras vestindo ternos de asas motorizadas estavam aparecendo, como um bando de pássaros. Eles deslizaram logo acima das ruínas do templo. A mulher segurou o corpo de Calla no ar, e um dos mercenários em um terno de asa agarrou Calla em seus braços. Então ele voltou ao céu.

O mercenário seguinte agarrou a fêmea, e ela balançou por baixo quando ele também parou no céu.

Não!

A adrenalina passou por Zaden. Ele jogou os braços para cima, deixando o poder sair. Ele explodiu fora dele - feroz e brutal.

A onda de energia pegou os mercenários, fazendo-os balançar e empurrar no ar.

Zaden se afastou e vários mercenários voadores foram para trás, seus gritos enchendo o ar. Eles bateram no chão, caindo e rolando.

Mas nenhum deles foi quem levou Calla.

Ele viu a sombra no céu quando o comedor de areia a levou para longe dele.

Não. Ele rangeu os dentes e olhou para o mercenário mais próximo. Ele sacudiu um dedo, e o mercenário subiu no ar, pairando na frente de Zaden.

O homem viu o rosto de Zaden e choramingou.

— Zaden. — A voz firme de Magnus.

Mas Zaden não ouviu o seu imperator. Eles pegaram Calla.

Ele arrancou o traje da asa do homem. O mercador caiu no chão e começou a se arrastar para longe.

Zaden enfiou os braços nas alças do traje.

— Zaden, espere. — Jax deu um passo à frente. — Nós precisamos…

— Calla não pode esperar.

Zaden tocou nos controles, acionando o motor do traje. Ele disparou para o céu.

CAPITULO SETE

Calla acordou bruscamente, lutando contra a névoa em sua cabeça.

A mulher grávida. Ela tinha algum tipo de robô e depois veio a Calla com um injetor de pressão.

O vento correu no rosto de Calla, limpando os últimos restos da droga.

Ela ofegou quando percebeu sua situação. Ela estava no *alto* do céu. Muito alto. Muito abaixo, Kor Magna passou correndo.

Oh, pela deusa. Um grito se alojou em sua garganta. Ela virou a cabeça e olhou para o rosto duro de um mercenário. Óculos cobriram os olhos, e ele tinha uma cabeça careca e uma tatuagem que envolvia seu pescoço.

Ela começou a lutar.

Braços fortes a apertaram até que ela mal conseguia respirar. Ele a puxou até sua boca estar pressionada no ouvido dela.

— Fique quieta, ou eu vou te deixar.

O medo tentou inundá-la, mas ela lutou contra isso. *Não* . Ninguém poderia assustá-la. Não mais. Ela sobreviveu ao Edull, ela sobreviveria a esse sugador de areia.

Ela deu uma cotovelada no homem e ele resmungou. Então ela deu um tapa na cara dele.

Ele a deixou cair.

Gritando, Calla agitou os braços quando caiu no ar.

Um segundo depois, o mercenário entrou e a pegou novamente.

— Comporte-se. — ele rosnou sobre o uivo do vento.

Então ele deu um zoom para cima, seu traje motorizado os levando para o céu. Quando eles se levantaram, ela percebeu que ele estava apontando para um enorme arranha-céu que subia no ar.

Momentos depois, aterrissaram no telhado liso e brilhante. As botas do mercenário deslizaram um pouco no vidro polido até ele parar.

Ele a pôs de pé e levantou os óculos. Calla se afastou dele, sentiu suas próprias botas deslizarem até que ela jogou os braços para fora.

— Agora esperamos a sua retirada. — As asas do terno se dobraram atrás das costas.

— Por quê? — ela exigiu. — Por que alguém me quer?

Ele lhe lançou um olhar severo. — Eu não sei, mas geralmente é porque as pessoas sabem demais.

Calla fez uma careta. Ela não sabia de nada importante. Ou ela sabia? Ela mordeu o lábio. Talvez ela soubesse algo que poderia ajudar a levar os outros humanos que ainda estavam presos? Mas se ela fez, ela não tinha idéia do que era.

Ela colocou os braços ao redor do meio. Ela precisava escapar. Mas, enquanto examinava o telhado vazio, não viu saída. O centro do telhado era plano, mas as bordas eram inclinadas. Seu estômago revirou. Depois disso, houve apenas uma queda de tirar o fôlego.

Ela não era fisicamente forte como Quinn, ou inteligente como Ever e Jayna, ou infalivelmente positiva como Sage. Ela não era corajosa, e definitivamente não era uma lutadora.

Calla respirou fundo. Zaden e a Casa de Rone viriam atrás dela. Ela se endireitou, uma sensação de calma a preenchendo. Tudo o que ela tinha que fazer era esperar até então.

Ela se virou e olhou para o mercenário. Ele tinha um braço levantado, a mão protegendo os olhos. Ele estava olhando para o céu azul

desbotado. Ela olhou para cima e seu coração mecânico bateu contra as costelas.

Uma forma escura estava correndo na direção deles.

Outro mercenário, ela adivinhou, com o estômago revirando. Mas quando a forma se aproximou, ela ouviu o homem ao lado dizer uma maldição.

Um batimento cardíaco depois, ela reconheceu o corpo magro e poderoso. Era o Zaden! Seu coração pulou na garganta.

— *Drakking* cyborgs. — O mercenário arrancou um jateador de um coldre no quadril.

Uma dor aguda atravessou seu peito. Ela *não* estava deixando que ele machucasse Zaden.

Calla se jogou no mercenário. Quando eles colidiram, seu tiro foi selvagem. Ele amaldiçoou.

Eles caíram no telhado e rolaram. A batida os levou para a parte plana do telhado e eles começaram a deslizar lentamente ao longo do vidro liso e inclinado.

Deusa. Ela achatou o corpo para tentar impedir sua descida.

O mercenário xingou de novo e, desta vez, bateu na cabeça de Calla. A palma da mão aberta bateu em sua bochecha e ela viu estrelas.

— Você vai se arrepender disso. — disse ele.

— Nunca. Eu estou feita de ser um saco de pancadas para os sugadores de areia. — Calla empurrou as mãos e os joelhos. Então ela pulou nele.

Ela deu um soco e chutou-o. Os nós dos dedos estalaram em sua mandíbula dura, e a dor explodiu em sua mão. Ela ignorou e bateu nele novamente.

Ele estava murmurando todos os tipos de maldições criativas em voz baixa. A fúria era uma coisa selvagem dentro dela, alimentando seus movimentos. Ela continuou batendo nele várias vezes, e parecia catártico deixá-lo sair.

Então houve uma rajada de vento.

Zaden caiu na frente deles, aterrissando com os joelhos dobrados.

***

Zaden cortou a energia do macacão de vôo, as asas fechando atrás dele. Ele caminhou em direção a Calla e o mercenário. Ela estava montada no homem, os dois brigando, e ainda deslizando pelo telhado.

Alcançando-os, Zaden a agarrou e a puxou. O mercenário recuou e ficou de pé. Ele puxou uma faca comprida de uma bainha nas costas.

Ele se lançou contra eles e Zaden empurrou Calla para fora do caminho. O mercenário atacou novamente e Zaden se esquivou.

O telhado estava perigosamente escorregadio e inclinado. Era difícil manter o equilíbrio, e ele usou seu poder telecinético para interromper o deslize. Então ele atacou o mercenário, liderando com vários socos fortes.

O mercenário grunhiu sob o impacto dos golpes. Ele caiu de joelhos.

Zaden usou sua telecinesia para levantar o homem.

— *Drak*! — o mercenário cuspiu.

— Você nunca deveria ter mirado nela. — disse Zaden.

— É apenas um trabalho. Nada pessoal.

— É pessoal para mim. É pessoal para a Casa de Rone. — Zaden aproximou o homem.

De repente, o homem arrancou uma pequena pistola do bolso. Ele disparou a arma.

Um flash de energia atingiu Zaden, a eletricidade azul correndo sobre ele. *Drak*, uma arma de pulso projetada para interromper implantes cyborgs. A dor correu por suas veias. Ele sentiu o nariz começar a sangrar.

— Zaden! — O choro de Calla.

Zaden caiu de joelhos, seus implantes desligando.

O mercenário caiu no telhado, sacudindo-se. Então ele sorriu, avançando em Zaden.

— Quando uma máquina está causando problemas, é hora de desligá-la.— O mercenário levantou a faca novamente. Ainda estava na mão dele. Ele esfaqueou Zaden.

A lâmina afundou no ombro de Zaden. A dor aumentou e ele rangeu os dentes. Com seus sistemas offline, ele não podia bloquear a agonia nem conter o sangramento.

— Fique longe dele!

Calla pulou nas costas do mercenário, agarrando-se a ele. E de repente, Cat apareceu do *nada* com um grito selvagem.

Que drak?

O gato cyborg pulou no ombro do mercenário e afundou suas garras no couro cabeludo careca.

— *Drak*! — O homem cambaleou para trás.

Zaden conseguiu colocar uma bota embaixo do corpo. Ele viu Calla bater repetidamente no mercenário. Cat cortou a camisa do homem.

Mas então o coração de Zaden bateu forte. O mercenário estava cambaleando perigosamente perto da borda do telhado.

Zaden tentou formar as palavras para avisar Calla, mas seus sistemas ainda estavam reiniciando. Ele forçou a outra perna embaixo dele.

— Calla. — A palavra era apenas um sussurro.

Então, de repente, o mercenário girou. — Cat *Drakking!*

Ele jogou Cat fora dele. O felino voou pelo ar, aterrissando com os pés abertos. O mercenário caiu ao seu lado, Calla ainda se agarrando a ele. Eles começaram a deslizar pelo telhado.

Direito em direção à borda.

Calla rolou para longe, tentando desesperadamente parar o slide. O mercenário estava lutando, tentando encontrar qualquer de se segurar.

Zaden sacudiu o último defeito de seu sistema e avançou. — Calla!

***

As mãos de Calla deslizaram ao longo do vidro. Ela não conseguiu se conter. Seu coração estava batendo tão forte que ela mal conseguia respirar.

Perto, ela viu o mercenário se pegar, seu corpo achatado no copo. Ela não tinha ideia de onde Cat tinha vindo, mas o felino tinha as patas abertas, as garras cravando na superfície brilhante.

Mas Calla ainda estava deslizando. Zaden gritou o nome dela.

Um segundo depois, seu corpo voou sobre a borda. Ela gritou.

Uma mão dura apertou seu pulso, parando sua queda. Enquanto ela balançava sobre a lateral do prédio, ela olhou para o rosto de Zaden.

Ele estava deitado de bruços, estendendo a mão sobre a borda.

— Zaden. — A camisa dele estava molhada de sangue e ela mordeu o lábio.

— Tudo bem, Calla. Eu tenho você.

Então o olhar dela tremeu. O mercenário apareceu, um sorriso desagradável no rosto. Ele tinha uma faca de aparência assustadora nas mãos.

— Cuidado! — ela chorou.

O mercenário se inclinou e enfiou a faca nas costas de Zaden.

O corpo de Zaden estremeceu.

— Não. Não, não. — Lágrimas brotaram em seus olhos.

O mercenário esfaqueou novamente, e Zaden emitiu um som dolorido, mas ele não a soltou.

— Você pode bloquear a dor?

— Sistemas... não estão funcionando com capacidade total.

Então, ele estava em agonia.

Houve um grito furioso e felino e o mercenário amaldiçoou e girou. Ela não sabia o que Cat havia feito, mas um segundo depois, o mercenário estava de volta. Ele esfaqueou Zaden novamente.

Naquele momento, Calla percebeu. Zaden não a deixou ir. Ele a seguraria e garantiria que ela não caísse, não importa o que acontecesse consigo mesmo.

Zaden era leal ao osso. Mas Calla sabia que ele não poderia segurá-la *e* se defender.

— Deixe-me ir. — ela disse a ele.

Seus olhos prateados brilharam. — Nunca.

— Deixe-me ir e pare-o, depois use seu poder para me puxar de volta.

Apenas o pensamento disso - de despencar em direção ao chão - fez seu estômago revirar. Ela tentou não deixar isso aparecer em seu rosto.

O rosto de Zaden mostrou seu tormento. Deus, o cyborg dela era louco por ela.

— Eu confio em você. — disse ela.

O mercenário mergulhou a faca novamente e Zaden deslizou para mais perto da borda.

— Faça. — insistiu Calla. — Ou nós dois vamos morrer.

Zaden fez um som sufocado, então ele a deixou ir.

Calla caiu rápido, o ar correndo ao seu redor. Seu cabelo chicoteou em seu rosto, picando suas bochechas molhadas de lágrimas.

O medo surgiu, mas foi temperado com o conhecimento de que Zaden viria atrás dela. Não importa o que, ele viria atrás dela.

Ela observou as janelas do arranha-céu passarem por ela e fechou os olhos. O que quer que tenha acontecido, ela sabia que tinha sido amada por um magnífico cyborg.

De repente, seu corpo parou de repente. Ela gritou. Então, antes que ela pudesse recuperar o fôlego, ela estava voando para cima.

Um momento depois, ela limpou a borda do telhado e bateu nos braços de Zaden.

— Nunca mais. — Os braços dele a apertaram. — Você *nunca* vai me pedir para fazer isso de novo.

Ela apertou a bochecha na dele, segurando-a com força. — Está bem, está bem.

— Calla, vendo você cair... — Sua voz falhou.

Havia tanto sentimento em suas palavras e isso a aqueceu. — Zaden, estou me apaixonando por você.

Ele congelou. — É assim que o amor é?

— Acho que sim. — Ela sentiu a viscosidade nas costas dele. Ela levantou uma mão e a viu revestida em seu sangue. — Zaden, você está machucado. Há muito sangue.

— Meus sistemas estão funcionando novamente. Eu bloqueei a dor e parei a perda de sangue.

Calla soltou um suspiro. Ela olhou por cima do ombro dele. Não havia sinal do mercenário, e ela decidiu não perguntar a Zaden o que havia acontecido. Então ela viu um corpo pequeno e peludo esticado no telhado. Cat não estava se mexendo, seu pêlo coberto de sangue.

— Cat!

Depois que Zaden colocou Calla no chão, eles rapidamente foram até o animal. Zaden a examinou.

— Ela está bem. O sistema dela está reiniciando.

— Ela está sangrando.

— Suas feridas não são graves.

Calla deu um tapinha no felino. — Estou escondendo suas guloseimas para o gato pelo resto da vida. Você vai ficar bem. — Calla fez uma careta. — Como ela chegou aqui?

Zaden balançou a cabeça. — Eu não sei.

O pulsar profundo de um motor quebrou o silêncio.

Os dois olharam para cima e Zaden ficou tenso.

Um navio preto desceu até a borda do telhado, a porta lateral se abrindo e uma rampa se estendendo.

Um grupo de lutadores saiu do navio e o gelo deslizou nas veias de Calla.

Não eram os cyborgs da Casa de Rone, era um grupo de mercenários vestidos de preto, todos apontando armas de fogo para ela e Zaden.

CAPITULO OITO

O seu poder tomou conta de Zaden e suas mãos se curvaram.

Ele *não* deixaria essas pessoas levarem Calla.

Ele sentiu o medo dela, mas ela olhou para a frente, com o rosto fixo. Boa. Tanta força sob sua doçura. Ela não era vítima de ninguém.

— Dê-nos a mulher. — gritou um grande e corpulento mercenário.

Zaden não respondeu. Na sua cabeça, ele avaliou as probabilidades e opções. Ele não podia enfrentar todos esses mercenários de uma só vez. Eles o dominariam.

Calla estendeu a mão e agarrou o seu cinto, precisando de tranquilidade.

— Você não está sozinha, Calla. — ele murmurou. — Eu nunca vou deixar você sozinha, e nunca vou deixar eles te levarem.

Ela sorriu para ele. — Eu sei.

— Pare de conversar. — gritou um dos outros mercenários. O homem alto e magro disparou um laser no ar.

Zaden se moveu na frente de Calla. Ele lutaria por ela até o fim.

Mas então ele sentiu movimento.

Seu sistema registrou sinais bioativos próximos, assim como um corpo disparou sobre a borda do arranha-céu. Mais corpos os seguiram e pousaram no telhado ao lado deles - um, dois, três, quatro, cinco, seis.

Magnus, Jax, Quinn, Mace, Acton e Toren.

Um segundo depois, um elegante navio prateado se levantou. Zaden sabia que pertencia a Rillian do Casino Dark Nebulosa.

Os mercenários começaram a xingar e gritar.

Magnus saltou no ar, voando alto. Ele bateu bem na frente do mercenário principal. Ele agarrou o homem e o jogou para o lado.

O corpulento mercenário voou para fora da borda do edifício com um grito.

O braço de Jax se iluminou, a luz neon fluindo sobre sua tatuagem. Ele correu para frente.

Um laser disparou, o raio ricocheteando entre três mercenários, derrubando-os. O objetivo de Toren sempre encontrava seu alvo.

Mace correu para frente, prata fluindo sobre sua pele quando ele se tornou um escudo cyborg. Acton correu logo atrás dele, levantando os braços. Mais dois mercenários voaram do lado de fora do prédio.

Uma mercenária curvou-se e correu em direção a Zaden e Calla. Ela segurava várias estrelas mortais nas mãos.

Zaden deu um passo, quando de repente uma pequena forma passou zunindo por ele. O *nular* voou pelo ar e cortou o ombro da mercenária. A mulher estremeceu e caiu, mas conseguiu jogar as estrelas.

Zaden levantou a palma da mão e as duas estrelas que estavam jogando diminuíram a velocidade, depois caíram inofensivamente no telhado brilhante. O *nular* cortou o ar e pousou de volta na mão de Calla.

— Uau. — disse ela.

A mercenária no chão ainda estava viva e consciente. Seu corpo estremeceu quando ela lutou contra o aperto telecinético de Zaden.

Magnus avançou. Todos os outros mercenários haviam caído do prédio ou estavam inconscientes no telhado.

Ele os alcançou e puxou a mulher.

— Jax. — disse o imperador em uma voz calma. — Pegue qualquer um dos mercenários que ainda estão respirando e coloque-os em uma cela.

— Pode deixar. — O tom de Jax dizia que ele iria gostar do seu trabalho.

— Acabou. — murmurou Calla.

Zaden se virou, puxando-a para perto. — Acabou.

Um miado queixoso cortou o ar. Bem entre Zaden e Calla.

— Como o felino chegou aqui? — Perguntou Magnus.

— Nós não sabemos. — disse Calla.

Cat olhou para os mercenários e miou novamente. Era quase como se ela estivesse irritada por ter perdido a luta. Então o animal seguiu em direção ao navio dos mercenários.

— Não, Cat! — Calla chamou.

Mas Cat apenas subiu a rampa como se o navio pertencesse a ela.

Franzindo a testa, Calla e Zaden o seguiram. No interior, a área de carga estava empilhada com caixas. Cat circulou uma das pilhas.

Quando os seguiram, encontraram uma menina pequena com pele castanha, cabelos escuros e um padrão dourado circulando em seu rosto.

Calla ofegou e agachou-se. — Olá.

A garota olhou para eles, tremendo.

— Nós não vamos machucá-la. — disse Calla.

A menina pressionou as mãos contra o peito. — Onde estão as pessoas ruins?

— Eles foram embora.

Os olhos escuros da garota se voltaram para Zaden.

— Ele é meu. — disse Calla. — Ele é um dos mocinhos.

Então o olhar da garotinha se voltou para Cat e seus olhos se iluminaram. — Gatinha. — Ela acariciou a cabeça de Cat e o felino ronronou.

— Sim, esse é Calla. Meu nome é Calla. Ele é Zaden.

— Eu sou Nemma.

— Oi, Nemma. Posso te contar uma coisa?

A menina assentiu.

— Eu sou de Rella.

Os olhos da garota se arregalaram, indo para as marcas de Calla. — Como eu.

— Assim como você.

Então, de repente, a menina se jogou nos braços de Calla, seu pequeno corpo tremendo.

Calla fechou os braços em volta dela. — Você está segura agora. Você foi tão corajosa.

— Minha mamãe? Eles me levaram do nosso navio. Eu ouvi minha mãe gritando.

Engolindo, Calla segurou Nemma com mais força. — Eu sei. Eu sei. Ficará tudo bem.

— Eles disseram que eu era *ex-tópica.*

Calla franziu a testa, depois percebeu. — Exótica?

Nemma assentiu. — Eles disseram que, junto com outro *ex-tópico*, poderiam vender um par por muitos créditos.

A barriga de Calla se apertou. Por isso a queriam. Eles queriam vender ela e Nemma como se fossem animais de estimação.

— Você não está mais sozinha, Nemma.

Calla olhou para cima para encontrar os olhos de Zaden. Assim como Calla sabia que ela nunca estaria sozinha novamente.

Zaden tocou o ombro de Calla. — Vamos para casa.

***

Depois de um banho quente, onde ela finalmente se lavou, Calla saiu do chuveiro. Ela esfregou-se rapidamente com um pano seco.

A menina, Nemma, estava a salvo com Ever. Além disso, Cat se recusou a sair do lado da garota. Calla sorriu. Ela imaginou que tinha sido dispensada por Cat para uma opção melhor.

Ou alguém que precisava de Cat mais do que ela agora.

Calla entrou no quarto e parou. Um Zaden sem camisa estava em pé ao lado da cama, de costas para ela.

Ela podia ver as feridas quase curadas. Avarn - o curador da cabeça - tinha feito suas maravilhas quando eles voltaram para a Casa de Rone. As marcas de facadas eram pequenas cicatrizes rosa que desapareciam com o tempo.

Calla foi direto para Zaden e passou os braços em volta dele por trás. Ela apertou os lábios nas costas dele.

— Tudo limpo? — ele perguntou.

— Brilhando. — Ever gostava de dizer isso.

— Então você deve descansar um pouco.

— Só se você descansar comigo. — Quando ele se virou, ela pressionou beijos no centro do peito dele.

— Calla... — Um tom de aviso.

— Ame-me, Zaden.

Os olhos dele brilharam e ela manteve os lábios no peito dele, movendo-se sobre um mamilo plano. Ela levou um tempo explorando os músculos gloriosos, cada um deles para brincar. Ele estava em tão incrível forma. Ela desceu, as unhas e os dentes varrendo as cristas fascinantes de seu abdômen. Ele respirou fundo, seu corpo tremendo.

Ela fez isso com ele. Calla Ryss uma simples chef de Rella, estava levando esse homem incrível à loucura.

Então ela se abaixou e abriu a calça dele. Ela colocou a mão em torno de seu pau, e ele gemeu.

— Adoro quando você me toca. — disse ele.

— Eu amo tocar você.

Ela o acariciou, mas mais do que tudo, ela queria saber como ele era. Ela queria saber tudo sobre Zaden.

Quando ela caiu de joelhos na frente dele, ele endureceu.

— Calla...

Ela lambeu a cabeça de seu pau inchado e o ouviu ofegar, sem acreditar no rosto.

— Calla, *drak.* O que você está...?

— Essa informação sobre sexo não estava presente? — ela perguntou.

— Eu... talvez não tenha chegado a essa parte.

Ela sorriu para ele e depois o chupou em sua boca. Seu pau pulsou e seu gemido encheu a sala. Ela levou um tempo, lambendo e chupando. Cada gemido e empurrão de seu corpo era uma recompensa. Ela chupou mais.

As mãos dele se enredaram nos cabelos dela. — Tão bom.

— Você tem um sabor incrível.

— Eu… eu quero derramar dentro de você, Calla, mas não na sua boca.

Ela queria isso também. Ela deslizou por seu corpo e ele os puxou para a cama. Ele a rolou, seu grande corpo cobrindo o dela.

Sem aviso, ele mudou entre os quadris dela e mergulhou dentro dela.

Calla gritou e ele congelou.

— Estou sendo muito duro.

— Nunca. Sou sua. — Ela colocou os braços e as pernas ao redor dele. — Pegue o que você precisa.

Ele começou a mergulhar dentro dela, e ela aguentou até que seus gritos de prazer ecoassem nas paredes.

Depois, cochilaram, com os braços ainda um ao redor do outro. Calla decidiu que poderia muito bem ficar aqui, nua nos braços de Zaden, para sempre.

Zaden se mexeu. — Temos uma reunião com Magnus.

Com um aceno relutante, Calla se levantou da cama. Uma vez vestidos, foram para a sala de estar de Ever.

De mãos dadas, eles entraram. Todo mundo já estava presente, os cyborgs reunidos em pé silenciosamente ao lado. Nemma os viu e se apressou. Suas mãos pequenas apertaram a saia do vestido azul. — Eu tenho um vestido novo, Calla.

— Eu amo isso.

A garotinha girou e o vestido explodiu. — Veja, Zaden?

— Muito bonito. Gosto dele em você.

Ela sorriu.

Ever apareceu. — Nemma, você poderia me ajudar a divertir a bebê Asha? Ela está ficando inquieta. — Ela levou a menina para fora do alcance dos cyborgs.

— Temos questionado os mercenários. — disse Magnus. — Eles foram definitivamente contratados pelos Edull.

Calla estremeceu. Ela esperava essa resposta. — Eles queriam vender Nemma e eu como um conjunto de itens colecionáveis.

O rosto de Magnus parecia áspero. — Infelizmente, existem muitos sugadores de areia assim.

Calla juntou as mãos. — Eu não sou ninguém especial...

Zaden deslizou um braço em volta dela. — Você é absolutamente especial. Boa, gentil e resistente.

Ela sorriu para ele. Sim, seu cyborg estava definitivamente se apaixonando por ela. Então o sorriso dela desapareceu. — Você acha que eles vão tentar me arrebatar de novo?

— Eu não vou deixar eles fazerem isso. — O braço de Zaden a apertou.

Os olhos de Magnus brilharam. — Enviamos os avisos apropriados. Você é da Casa de Rone agora. Eles pegam você, declaram guerra contra nós e nossos aliados.

Calla mordeu o lábio. — Obrigada. — Então ela franziu a testa. — Uma coisa que eu ainda não entendo. Como Cat chegou àquele prédio?

Um leve sorriso se formou no rosto de Magnus. — Ever me disse que Cat saiu daqui, e ouvimos relatos estranhos de um felino escalando a parte externa do arranha-céu.

Sua mandíbula caiu, seu olhar se movendo para o animal em questão. — Cat escalou o arranha-céu?

— Aparentemente, ela sabia que você precisava dela. — disse Zaden.

Definitivamente, Cat era algo especial.

— E Nemma? — Calla virou-se para olhar a menininha brincando com o bebê. Não havia caminho para casa para Rella ou sua família.

— Ela tem uma casa aqui. — disse Magnus. — As crianças pequenas são muito resistentes. Pelo o que a minha companheira me diz.

— Nós cuidaremos dela. — disse Ever.

De repente, Nemma se aproximou e, por algum motivo, a menininha se moveu em direção a Acton. O cyborg ficou rígido, mas Nemma apenas bateu na coxa. O homem se inclinou e ela começou a balbuciar para ele. Calla ficou tensa, esperando o cyborg afastá-la ou ignorá-la. Mas ele não fez, acenando para a menininha.

— Ela não merecia perder a família. — disse Calla.

— Nenhuma de vocês merece. — disse Magnus. — Mas é possível fazer uma nova família.

— Vamos. — disse Zaden. — Sempre que for preciso. — Então ele limpou a garganta. — Magnus, eu reivindiquei Calla como minha.

Calla ofegou com a possessão flagrante.

Um sorriso cruzou o rosto de Magnus e, por um segundo, Calla ficou presa ao vê-lo. Ele sempre parecia tão imperioso e frio.

— Talvez você devesse ter falado com ela sobre isso primeiro. — disse Magnus.

— Eu deveria? — Confusão atravessou o rosto de Zaden.

Calla sorriu. — Ele ainda está aprendendo, mas eu o amo.

Quinn bateu seu quadril contra o de Jax. — Eu disse que esses dois acabariam juntos.

Ever bateu palmas. — Estou tão feliz.

Jayna sorriu, inclinando-se para o grande corpo de Mace e, ao lado deles, Sage pegou o olhar de Calla e ergueu o polegar para ela.

— Gostaria de solicitar uma celebração de nossa união. — disse Zaden.

Calla ficou sem fôlego. *Oh*. Ela olhou para o cyborg, com o coração cheio de lágrimas.

— E tenho certeza que Calla gostaria de preparar as sobremesas para a celebração. — acrescentou.

Agora, seu interior derreteu.

— Provei os assados que você deixou no meu escritório. — disse Magnus.

— Oh eu também. — Ever revirou os olhos. — Eles estavam deliciosos. Magnus comeu cinco deles.

Calla sentiu uma onda de prazer. — Estou tão feliz que você gostou.

— Eu já falei com nossos chefs. — disse Magnus. — Eles se concentram em preparar refeições equilibradas e nutritivas para a Casa de Rone, mas ninguém é especializado em sobremesas. — Ele olhou para Ever. — E me disseram que apreciar a comida e seus sabores é importante.

— As sobremesas não são nutritivas e não são necessárias. — disse Acton.

— Cale a boca, Acton. — Mace resmungou. — Eu quero sobremesas.

O olhar intenso de Magnus focou em Calla e ela tentou não se sentir intimidada.

— O chefe de cozinha disse que você seria uma adição bem-vinda à sua equipe.

Calla ofegou. Ela olhou para Zaden e o viu sorrindo. Olhando para Magnus, ela assentiu. — Seria minha honra.

— Yay. — disse Ever.

— Agora, voltando ao pedido de Zaden para uma cerimônia.— disse Magnus. — Vamos organizá-lo o mais rápido possível.

Enquanto as mulheres aplaudiam, Calla sorriu. Então Zaden segurou sua bochecha.

— Eu te amo, Calla. Você me ensinou a sentir amor.

Ela pressionou a palma da mão dele. — Oh, Zaden.

Ele a beijou, varrendo-a do chão.

— Quero celebrar esse amor. Com a nossa família.

Ela assentiu. — Eu quero isso também. Você tem sido meu protetor, meu guarda infalível desde o momento em que caí em seus braços.

Um miado alto.

Eles olharam para Cat.

— Ok, vocês dois foram meus guardas. — Calla pressionou os lábios nos de Zaden. — Mas você é o único que eu quero beijar.

— Estou feliz em ouvir isso. — Então ele começou a trabalhar deixando-a sem fôlego.

CASA DE RONE: COMEÇO

Magnus alinhou seu navio furtivo para as portas de abertura do hangar. Ele retirou as asas do navio e cruzou a base militar.

Quando ele puxou o navio para dentro do hangar, ele ouviu o barulho familiar das fechaduras de magna e o navio abaixou.

Ainda conectado aos sistemas do navio, ele desligou os motores e depois desligou sua conexão. Dois fios finos se retraíam do console de controle, serpenteando de volta para um painel em seu braço cibernético.

Ele piscou e lentamente, a sensação de estar conectado ao navio desapareceu. A tela não exibia os dados da missão e agora ele tinha uma visão do hangar organizado da Base Militar Orionix.

— Bem-vindo de volta, Soldier 47. — a voz do computador entoou. — Espero que você tenha alcançado o sucesso da missão.

Com o rosto impassível, Magnus levantou-se da cadeira do piloto. — Sim. Alvo neutralizado.

Quando ele se moveu em direção à porta do navio, sentiu um lampejo de dor em sua cabeça. Memórias derramaram através dele como luzes piscando: gritos, sangue, um homem implorando.

Ele também sentiu as emoções caóticas e desconhecidas que começaram a atormentá-lo nos últimos meses.

— Soldier 47, sua pulsação aumentou. — disse o computador.

Cerrando os dentes, ele pressionou a palma da mão na fechadura da porta. — Não é nada.

Ele não podia permitir que os cientistas da Orionix entendessem o quanto seus amortecedores emocionais estavam começando a funcionar mal. Quando descobrissem que ele tinha alguns pesadelos, passaria vários dias dolorosos na área médica, sendo reabilitado.

— O general Mracks solicitou que você o encontrasse para interrogar. — informou o computador.

— Reconhecido.

Magnus deu um passo para fora do navio e parou na porta. À frente, ele viu vários soldados cyborgs marchando com precisão pelo hangar.

Seu intestino endureceu. Ele se perguntou em que missão eles estavam sendo enviados.

Magnus se moveu silenciosamente pelo hangar. Ele saiu, descendo o corredor em direção ao escritório espaçoso do general. Suas botas ecoaram no chão metálico. Dois jovens estagiários dobraram a esquina e o viram. Eles tinham muito poucas melhorias e provavelmente ainda estavam se acostumando aos seus amortecedores. Ambos os rostos se iluminaram com reverência e excitação. Eles se afastaram para o lado, prestando atenção.

— Boa noite, Soldier 47. — disse um deles.

Ele assentiu para eles.

No final do corredor, ele bateu na porta.

— Entre. — disse uma voz profunda e imperiosa.

Magnus entrou e se moveu para ficar com as mãos atrás das costas. O general Mracks estava sentado atrás de uma enorme mesa preta brilhante. Atrás dele, uma janela comprida dava uma visão perfeita da principal área de treinamento da base. Vários soldados cyborgs estavam treinando e praticando técnicas de combate.

— Magnus. — Um sorriso preencheu o rosto desossado do general. — Sente-se.

O general sempre o chamava de Magnus. Esse era o nome dele quando criança. Todos os soldados Orionix foram criados nos laboratórios a partir de uma mistura do melhor material genético, na esperança de criar os soldados mais fortes e inteligentes. Eles receberam nomes e foram criados pela equipe do laboratório até os oito anos de idade. Então eles entraram no programa de treinamento principal e começaram a receber as melhorias. Era quando eles recebiam a sua designação.

Magnus tinha fracas lembranças daquele tempo anterior. Da enfermeira principal, Enfermeira Rone, que sempre sorria para ele e bagunçava o cabelo. *Nunca esqueça que você tem um grande coração, Magnus.* Ele não pensava nela há anos.

— É sempre bom ver você, Magnus. — disse o general.

Magnus gostava de acreditar que o general via embaixo de suas melhorias, o homem embaixo da máquina. Mracks sempre prestou uma atenção especial à carreira de Magnus. Ao longo dos anos, eles passaram muitas sessões juntos discutindo estratégia militar.

Sentado em uma cadeira, Magnus ouviu o estalo. Parecia pequena demais para o seu quadro grande e aprimorado. Todas as melhorias cibernéticas tornaram seu corpo muito mais pesado que um homem comum.

— Bem feito em sua missão. — Exaltação cobriu o rosto do general, seus olhos escuros brilhando. — Você neutralizou um inimigo perigoso hoje.

Magnus percebeu que seus dedos estavam mordendo sua coxa. — Meu alvo era um Ministro das Finanças, não militar.

Os olhos do general se estreitaram. — Mas ele tinha poder. Ele era um perigo para nós.

— Um perigo para *você*. Ele era um rival seu, correto?

O general Mracks ficou parado. — O que você está insinuando, soldado?

Os sentidos aprimorados de Magnus captaram o coração palpitante do general. Estava batendo um pouco rápido demais, e o homem estava suando.

Magnus, porém, sabia o valor da estratégia, dos aliados e da escolha do momento certo para agir. Ele olhou por cima do ombro do general. — Nada senhor.

O general olhou para ele por um momento de zumbido, depois relaxou na cadeira. — Bom. Bom. — Ele cruzou as mãos sobre a mesa. — Eu tenho algo para te dizer.

Magnus não se mexeu.

— Eu queria que você soubesse que o Soldier 195 sofreu danos significativos em sua missão mais recente.

Magnus lutou para manter o rosto em branco. A emoção cravou através dele e ele a empurrou para baixo. O Soldier 195 era o soldado que Magnus era mais próximo - Jaxer.

— Ele sofreu danos graves e perdeu uma perna. — continuou o general. — Seu corpo está rejeitando a intervenção médica dos médicos. Lamento dizer, mas ele está programado para ser desativado.

As palavras foram como um golpe no estômago de Magnus. Ele se forçou a ficar parado na cadeira. Desativação significava execução. — Eu vejo.

O general examinou cuidadosamente o rosto de Magnus. — É uma vergonha. Ele é jovem, vital e um soldado excepcional. — Mracks suspirou. — Infelizmente, é uma realidade da vida militar.

— É. — Magnus concordou.

— Eu sei que você é próximo do jovem.

— Acho vantajoso manter alianças com meus colegas soldados cyborgs.

O general Mracks sorriu. — Tão estratégico. É isso, combinado com seu excepcional amortecimento emocional, que faz de você o melhor soldado cyborg que este programa já viu.

Magnus se levantou. — Eu preciso me limpar e descansar.

— Claro. Dispensado, Magnus.

Girando em suas botas, Magnus saiu do escritório do general.

— E bom trabalho em sua missão. — o general o chamou.

Magnus não olhou para trás. O que o general queria dizer era um bom trabalho matando um homem inocente que não havia feito nada além de enfrentar Mracks.

Ao longo dos anos, os generais Orionix ficaram bêbados com seu poder. Magnus não precisava de um olfato melhorado para detectar o cheiro da corrupção.

Passeando pelo corredor, suas mãos se fecharam em punhos.

Ele precisava encontrar Jax.

***

Quando Magnus alcançou a ala da base que abrigava Medical, ele podia ouvir gemidos de dor ecoando pelo corredor.

Os dedos dele flexionaram.

Então ele ouviu um grito de agonia de um homem.

Seu intestino apertou. *Jax*.

Mantendo seus passos medidos e controlados, Magnus caminhou em direção às portas duplas que levavam à Medical.

Assim que eles se abriram, ele viu Jax amarrado a uma cama. O homem estava se esforçando contra as amarras, seu cabelo militar curto umedecido pelo suor.

Ele tinha vários implantes de metal no pescoço, ombro e peito. A perna esquerda havia desaparecido e em seu lugar havia uma prótese desajeitada e temporária. A equipe médica da Orionix era capaz de fazer as melhores próteces de alta tecnologia. Magnus flexionou sua própria mão cibernética. Se o corpo de Jax lidasse com uma substituição, eles projetariam um novo feito sob medida para ele.

Jax gritou novamente, seu corpo arqueando para fora da cama. Mas seu corpo não estava aguentando. Vários fios e tubos estavam conectados a ele.

Jax sempre sorria mais do que os outros cyborgs. Magnus não sorria há anos. Jax era seu único elo com a humanidade com a qual ele nasceu. Ele ainda se lembrava do dia em que viu o garoto seguindo-o como um filhote. Magnus já era o melhor soldado da unidade, embora ainda estivesse na adolescência. Inicialmente, ele ignorou as tentativas do garoto de fazer amizade com ele. Ele tentou várias maneiras curtas de afastar Jax.

Mas a maior força e a maior fraqueza de Jaxer era sua persistência teimosa. Ele continuava voltando.

— Jaxer. — Magnus murmurou.

Jax virou a cabeça, olhos enlouquecidos focando em Magnus. Havia tanta dor fervendo em seu olhar.

— Magnus. — Ele estendeu a mão que estava coberta de queimaduras. — A missão foi ruim. A informação estava errada. — Jax engoliu em seco. — Havia tantos combatentes inimigos.

Magnus se aproximou. — Fique à vontade agora. — Ele pressionou uma mão no ombro de Jaxer.

O homem mais jovem soltou um suspiro trêmulo. Então ele baixou a voz para um sussurro sub-vocal que Magnus só pôde ouvir por causa de sua audição aprimorada.

— Magnus, eu ouvi os médicos. Algo deu errado com minhas melhorias. Sinto dores constantes e eles não acreditam que meu corpo aceite uma nova prótese. — Uma careta correu por seu rosto antes que ele travasse a dor. — Meu corpo está rejeitando isso. — Ele bateu a perna de metal temporária contra a cama. Ele fechou os olhos. Ele tinha cílios muito longos para um homem. — Eles vão... me desativar.

Os dedos de Magnus se apertaram no ombro do amigo. — Vai ficar tudo bem, Jax.

Os olhos de Jax se abriram. — Estou com medo.

— Vai ficar *tudo bem.* — Magnus repetiu.

Uma médica de jaleco branco se aproximou. — É hora de partir. Ele precisa de mais sedativos.

Magnus assentiu e recuou.

O olhar de Jax ficou preso em Magnus. Atravessando a sala, Magnus foi para um console médico. Ele pressionou a palma da mão na tela e ela se iluminou. Um cordão fino saiu de seu pulso e fez interface com o console. Seus olhos brilharam quando ele sincronizou com o sistema básico de computador.

Ele rapidamente verificou os logs do sistema. O navio furtivo de Magnus havia sido reabastecido.

Ele afastou a mão, seus pensamentos se agitando. O programa militar cyborg Orionix era tudo o que ele já conhecera. Ele foi criado no laboratório e criado para ser um soldado. Ele olhou de volta para Jax deitado na cama. Ele estava ali, olhando para o teto.

O Orionix havia encerrado outros cyborgs. Para os generais, os cyborgs eram simplesmente máquinas, assim como os navios furtivos que

voavam e as armas que usavam. A princípio, Magnus sempre seguia sua programação, executava seus pedidos e fazia seu trabalho.

Mas desde sua missão, há dois meses, onde ele havia sido enviado para massacrar toda uma base inimiga - soldados, técnicos, médicos, todo mundo - ele começou a ter pesadelos. Ele começou a sentir tremulações de emoções conflitantes.

Ele começou a questionar o que ele fazia.

Ao longo dos anos, a liderança da Orionix mudou. Magnus e seus colegas cyborgs não foram enviados apenas para combater seus inimigos em lutas justas, eles foram enviados para trabalhos de assassinato, para matar rivais por razões insignificantes.

Os generais - incluindo Mracks - eram corruptos.

Magnus sentiu uma pontada aguda de raiva.

Ele ouviu murmúrios sussurrados, e uma leve mudança de perfume se filtrou em seus sentidos. Ele se virou e, no canto mais distante do Centro Medico, viu uma jovem médica e um enfermeiro.

Eles estavam pressionados juntos, a mulher sorrindo. O homem se inclinou, acariciando o pescoço da mulher. A médica segurou o rosto do homem. Magnus inclinou a cabeça. A mudança no perfume foi excitante, e em seus rostos corados havia vários sinais de profunda emoção.

Ele nunca sentiu nada assim, mas fora treinado para reconhecer os sinais. *Isso era* o que a vida era - conexões com os outros, sentimentos, emoções, fazendo coisas que você queria fazer.

Criando, não destruindo.

Ele soltou um suspiro irregular. Ele poderia ter uma vida melhor do que o que essa base militar lhe oferecia. Ele poderia usar suas habilidades para mais do que matar.

E Jax *iria* viver.

Magnus observou o casal se beijar, lábios trancados, paixão crescente. Ele nunca teria isso - era tarde demais para ele - mas Jax ainda tinha uma chance.

Girando, Magnus voltou para a cama de Jaxer. Ele começou a desengatar os cabos e tubos presos ao homem.

— Soldier 47! — Um médico correu, o choque estampado em seu rosto.

Magnus ignorou o homem, arrancou as amarras de Jax, depois deslizou os braços sob a forma flácida de seu amigo.

Com gritos ecoando atrás dele, Magnus levantou Jax e saiu da área médica. Enquanto descia o corredor, os alarmes começaram a tocar. Ele foi para o hangar.

— Alguém o pare! — uma voz gritou. — O Soldier 47 está fora de controle.

No entanto, ninguém se atreveu a confrontá-lo. Todos sabiam que ele era o cyborg mais mortal do programa.

Ele entrou no hangar.

E encontrou o general Mracks e quatro soldados cyborgs esperando por ele.

— Soldier 47. — Linhas de raiva entre a boca do general.

— Você não está me chamando de Magnus agora, general?

O rosto do general ficou vermelho. — Isso foi um sinal de respeito por sua dedicação e habilidades! Claramente, isso foi extraviado.

— Eu não estou mais seguindo suas regras.

Mracks riu. — Você não pode pensar por si mesmo, você não é um homem. Você é uma arma. Uma cara.

— Eu *sou* um homem. — Ou pelo menos, ele tinha sido uma vez.

O general balançou a cabeça ironicamente. — Você é mais máquina do que homem agora.

Magnus cuidadosamente colocou Jax por uma pilha de caixas. Havia várias ferramentas sobre elas, pertencentes aos trabalhadores de manutenção que mantinham os navios furtivos.

Avistando uma sonda longa e afiada, ele a pegou com a mão cibernética. Então ele girou e jogou.

Lançando através do olho esquerdo do general. O homem gritou, o som ecoando pelo hangar. Mracks caiu no chão, segurando o rosto sangrando. — Pare ele!

Os quatro cyborgs avançaram. Magnus respirou fundo.

Então eles atacaram.

Magnus balançou com o punho, socando com força o primeiro soldado. Ele se abaixou e depois chutou outro soldado.

Eles trocaram golpes ferozes e chutes brutais. Todos treinaram juntos e sabiam os mesmos movimentos de combate. Magnus absorveu a dor de vários chutes, bloqueou e continuou lutando.

Ele pegou um dos caixotes de manutenção de metais pesados. Ele levantou, girou e jogou.

Ele bateu em um cyborg, levando o homem ao chão.

Um feixe de laser vermelho cortou o ar. Magnus caiu. Ele viu um cyborg apontando a arma laser de sua mão cibernética.

Magnus rolou, pegando várias estrelas do cinto. Ele as jogou em sucessão rápida.

Eles cortaram o cyborg - ombro, peito e pescoço.

Com um grito, o cyborg caiu, o laser ficou selvagem e cortou o teto. Choveu pedaços de concreto.

Magnus ficou de pé. Um terceiro soldado atacou ele.

Girando, Magnus evitou o jab do homem. Eles dançaram através do hangar, passando por alguns dos navios furtivos estacionados. Magnus chutou o soldado. O homem voou de volta e atingiu um navio, amassando o metal. Antes que ele pudesse atacar novamente, Magnus bateu com força o cotovelo na garganta do homem.

O soldado cambaleou para trás, fazendo barulhos amordaçados e apertando a garganta com uma mão. Seus olhos brilhavam em azul neon. Com a outra mão, ele procurou a pistola laser no cinto.

Magnus calculou a distância entre o soldado, o navio furtivo mais próximo e a parede. Ele apertou as palmas das mãos no casco de metal do navio e empurrou.

O navio deslizou pelo hangar e prendeu o cyborg na parede. Ele gritou. Enquanto Magnus observava, ele viu a luz neon sair dos olhos do homem.

Magnus se virou. Apenas um oponente a mais. Na frente de seus olhos, seu display heads-up mostrava informações.

O cyborg final entrou em cena. Soldier 51. Um veterano experiente, como Magnus. O cyborg segurava uma longa arma eletrotérmica, que brilhava com eletricidade verde em cada extremidade. Foi projetado especialmente para derrubar um cyborg e interromper seus sistemas.

Magnus levantou o braço cibernético e o carregou. Eletricidade azul patinava sobre sua pele de metal.

Ele e o Soldier 51 circularam um ao outro.

— Estamos saindo. — disse Magnus.

— Ninguém sai, 47. — O cyborg girou a eletro-arma. — Existem regras.

— Estou fazendo minhas próprias regras.

Eles cobraram. Magnus se abaixou e se esquivou, tentando se aproximar. Um toque daquela arma e ele estaria pronto.

51 era bom. Atravessaram o hangar, passando e bloqueando. Magnus sentiu seus músculos orgânicos se contraindo. A eletro-arma correu para ele e ele caiu baixo. Ele passou por cima da cabeça dele.

O cyborg chutou Magnus pelo lado e a dor aumentou. Seu sistema detectou uma costela quebrada, mas ele continuou lutando. A arma veio contra ele novamente, roçando seu quadril.

A dor rugia através de seu lado como fogo. Ele viu manchas escuras dançarem diante de seus olhos.

Não. Magnus tinha muito pelo que lutar. A vida de Jax dependia dele.

Lutando contra a dor, ele convocou cada pedaço de sua força aumentada. Ele apressou o outro cyborg, derrubando-o no chão. A eletro-arma voou da mão de 51.

O Soldier 51 lutou duro, torcendo seu corpo, mas Magnus o segurou. Então ele pressionou a palma da mão no peito do homem.

A eletricidade explodiu.

Os olhos do cyborg se abriram e seu corpo estremeceu convulsivamente. Magnus manteve a carga até o homem cair embaixo dele.

51 olhou para ele, a luz neon piscando em seus olhos. — Aproveite sua liberdade. Por todos nós. — O cyborg caiu, morto.

Com o peito arfando, Magnus se levantou. Seu corpo doía e ele havia danificado os circuitos. Seu braço orgânico estava pendendo inutilmente ao seu lado.

Ele tropeçou na forma imóvel de Jax. Usando um braço - e rangendo os dentes com a dor - ele pegou seu amigo e caminhou em direção a sua nave furtiva.

Ele parou pelo general Mracks, olhando impassível. O homem estava caído no chão, o peito subindo e descendo superficialmente, o sangue encharcando o uniforme. A boca do general se abriu, mas nenhum som saiu. Girando, Magnus se afastou.

Dentro do navio, ele colocou Jax na cadeira do co-piloto e amarrou-o. Então Magnus caiu na cadeira do piloto. Ele piscou através da dor, depois reuniu energia suficiente para pressionar a mão cibernética no painel de controle. Ele entrou no sistema da nave furtiva.

— Bloqueio do sistema. — disse uma voz de computador. — Bloqueio do sistema.

Eles pensaram que poderiam trancá-lo? Seus olhos brilharam quando ele começou a invadir o sistema. Levou apenas alguns segundos. Ele ligou os motores do navio.

O navio levantou-se e girou. Pela tela, ele viu mais soldados cyborgs correndo na direção deles. As portas da doca estavam fechadas, mas Magnus ativou o sistema de armas.

BUMM.

O canhão laser explodiu as portas do hangar.

O navio disparou para frente e Magnus os apontou para cima, disparando no céu azul. Um minuto depois, eles saíram da atmosfera para o espaço.

— Magnus?

Ele virou a cabeça e viu que Jax estava consciente.

— Onde estamos? — O homem se endireitou na cadeira, com a testa franzida.

— No meu navio furtivo. Deixamos a base para trás.

Jax piscou. — Você roubou um navio?

— Sim. E lutei para sair.

Jax ficou quieto por um momento. — Você me salvou.

Magnus olhou para a frente. — Eu disse que tudo ficaria bem.

— Sim, você fez.

O som espesso da voz de Jax fez Magnus olhar para ele.

— Obrigado. — Jax murmurou.

Magnus apenas assentiu.

— Então, para onde estamos indo?

Magnus hesitou. — Eu não faço ideia.

Jax riu. — Eu *nunca* ouvi você dizer isso antes.

— Bem, agora somos fugitivos, Jax. Eu suspeito que vou dizer isso muito no futuro.

O jovem estendeu a mão e agarrou o braço de Magnus. Magnus sentiu o pulso de sua conexão.

— Nós vamos resolver isso. — Jax murmurou.

— Calculei que é melhor seguirmos para os planetas sem lei na borda externa da galáxia. — disse Magnus.

O nariz de Jax enrugou. — Parece bom. — Então ele fez uma pausa. — Meu corpo está rejeitando essa perna, Magnus. Sinto vários dos meus implantes com defeito. Eu vou te atrasar.

— Então eu vou lhe dar uma perna melhor e remover os implantes.

— Ah, não temos dinheiro.

— Nós vamos ganhar dinheiro. — Magnus prometeu encontrar um lugar seguro para eles. Ele encontraria a melhor perna protética da galáxia para Jax.

Um lugar próprio. Magnus sentiu uma pontada aguda no peito. Um lar. E pela primeira vez em sua vida, ele poderia usar suas habilidades para mais do que apenas matar e assassinar.

— De agora em diante, eu sou Magnus Rone. — Ele sentiu o nome se estabelecer sobre ele. Em memória daquela mulher há muito tempo que lhe mostrara bondade. — Você será Jaxer Rone.

— Eu gosto disso. — disse Jax.

— Você tem a chance de ser homem de novo, Jax. Para ter uma vida.

— E você também.

Magnus balançou a cabeça. — É tarde demais para mim. Nós dois sabemos que sou mais máquina que homem.

Jax apenas sorriu. — Vamos ver, Magnus. Veremos.